

MUSEU DA PESSOA

História

"Então existia essa coisa comum entre a mulher e a natureza, serem objetos de exploração de um sistema."

Sinopse

Thaís teve uma história de vida dedicada a sustentabilidade e ao feminismo, participando de conferências mundiais debatendo e implementando projetos sobre os temas. Ela conta sobre a criação da REDEH (Rede de Desenvolvimento Humano) e de conferências como a WEDO, a Agenda 21 de Ação das Mulheres e ICONS onde teve uma participação ativa debatendo sobre mulheres e natureza, apontando o que ambos tem em comum: a exploração indevida sobre determinado sistema.

Tags

- [ONU](#)
- [Partido Verde](#)
- [Ecologia](#)
- [REDEH](#)
- [Rede de Desenvolvimento Humano](#)
- [Organização das Nações Unidas](#)
- [Feminismo](#)
- [PV](#)
- [WEDO](#)

História completa

P1 – Bom, pra começar eu queria que a senhora desse o seu nome completo, o local e a data de nascimento.

R – O meu nome é Thaís Rodrigues Corral, eu nasci em Macaé no Estado do Rio de Janeiro em 12 de fevereiro de 1957.

P1 – Qual o nome dos seus pais?

R – O nome dos meus pais são Alda Rodrigues Corral e Mário Ângelo Corral.

P1 – A senhora se lembra dos seus avós?

R – Me lembro dos meus avós. Eu tenho, os meus avós maternos são, os meus quatro avós tanto de parte de mãe quanto de parte de pai são espanhóis. Então os meus avós maternos, você quer o nome deles? É Maria Gonzáles e Serafim Rodrigues. E os meus avós paternos, Maria Soledad Corral e Félix Corral.

P1 – Qual a atividade profissional dos seus pais e dos seus avós?

R – Dos meus avós? Bem, os meus avós, talvez seja um pouco difícil recuperar dos quatro, mas o meu avô paterno e minha avó materna eles vieram para o Brasil como imigrantes, e o meu avô era um anarquista. Então ele fez um restaurante, fez o primeiro restaurante vegetariano do Rio de Janeiro, e eles eram um pouco assim inovadores, de projetos. Depois ele fez uma tamancaria. Ao longo da vida dele ele criava projetos novos, e a minha avó um pouco o acompanhava. E o meu avô de parte paterna era também imigrante, só que ele imigrou para Argentina. O meu pai era argentino e ele também fez várias coisas na vida dele, entre elas ele ganhou um prêmio razoável de dinheiro na loteria e aí ele, na época, isso era lá pelos anos 30, 30 e alguma coisa, ele fez uma volta ao mundo, quer dizer, com aquele dinheiro. Só depois que o dinheiro mais ou menos tinha acabado, porque ele depois investiu todo o dinheiro em marcos alemães e o marco perdeu muito de valor. Então aí ele começou a trabalhar. Casou-se, mas já com mais idade, e começou a trabalhar. Então essa minha avó de parte materna era, enfim, era dona de casa, pelo que eu sei.

P1 – E essa origem espanhola a senhora sabe a região?

R – Eu sei. A região da família da minha mãe é de Galícia e a do meu pai é da Região de Burgos que fica em Castilha.

P1 – A senhora tem irmãos?

R – Eu tenho dois irmãos.

P1 – O quê que eles fazem?

R – Eles são mais jovens que eu. Um deles tem 37 anos e o outro tem 43. Um deles é Publicitário, Comunicador Social, e o outro é Economista.

P1 – A senhora consegue descrever a rua, o bairro onde morava quando era criança, o cotidiano?

R – O meu cotidiano? Então, quer dizer, minha família, eu tive uma infância, minha família foi pouco convencional porque nós, eu acabei, quer dizer, morando, nascendo na cidade onde eu nasci, porque o meu avô, esse avô anarquista, pegou um ônibus no Rio porque tinham dito pra ele, ele tinha um modelo de um tamanco e ele queria encontrar uma serralharia para reproduzir aquele tamanco. Então tomou um ônibus no Rio e seguiu em direção, pelo litoral, seguiu, ia parando e tal. E ele chegou nessa região, que hoje é a região de Macaé, dessa cidade que depois virou um pólo de petróleo, um lugar importante, nacional, desse ponto de vista. Ele achou que aquilo era, disseram pra ele que lá tinha uma serralharia. Ele ia pro Espírito Santo, mas resolveu parar e investigar, e aí ele achou na cidade um ecossistema perfeito porque tem rio, tem mar, tem lagoa, tem montanhas. Então tem todos esses elementos que compõem um ecossistema integrado para uma cidade, ainda uma cidade pequena. Aí ele resolveu, gostou muito da cidade e resolveu mudar-se pra lá, e com ele, ele levou uma comunidade de espanhóis, quer dizer, inclusive o meu pai que tinha se casado com a minha mãe e que resolveu, que fundou uma indústria lá. Então a casa onde eu nasci, onde eu me criei até seis, sete anos era uma casa que também foi feita, porque o meu avô era assim, ele gostava de fazer as coisas. Uma casa que foi feita pelo meu avô, que tinha um quintal muito grande, que tinha árvores frutíferas, que tinha uma árvore de fruta do conde. Eu sei me lembro que tinha horta, que tinha. Então tinha toda essa coisa de uma infância numa cidade relativamente pequena mas também numa casa que tinha todo esse espaço.

P1 – E a senhora consegue ver a relação com o seu interesse pelo meio ambiente nessa infância?

R – Eu consigo ver esse interesse pelo meio ambiente um pouco pela herança da minha família porque minha família toda sempre, tanto de parte de pai quanto de parte de mãe, tem uma preocupação social, uma preocupação ambiental, uma preocupação com a saúde. Todas as pessoas faziam muito esporte, eram vegetarianos. Então vem um pouco disso, um tanto de... A gente sempre viveu em lugares que tinha um contato com a natureza, mas vem mais dessa coisa que fazia parte mesmo da cultura da minha família.

P1 – Já na sua juventude, eu queria que a senhora contasse um pouquinho as lembranças do período escolar, quando começou os estudos, as escolas.

R – Então, eu fui, apesar da minha família ser, digamos, contra, o meu avô sobretudo, como anarquista, era contra religião, contra todas essas instituições que são mais convencionais na sociedade, tanto é que eu não fui batizada até os cinco anos de idade. Fui batizada meio que escondido por uma tia da minha mãe. Mas, apesar disso, a melhor escola que tinha nessa cidade era um instituto salesiano. Então, eu fui estudar num colégio de freiras. E, enfim, era muito curioso que eu tinha certa vergonha da minha família ser tão diferente porque eu, por exemplo, tinha um nome que era pagão. Tanto é que, quando eu fui batizada, botaram um Maria no meio que depois eu obviamente deixei, Thais Maria. Aquela coisa porque eu tinha... eu escrevia. Em todos os meus cadernos tem lá Thais Maria porque eu tinha coisa, queria recuperar, queria ser igual a todo mundo. A

minha família não comia carne, eu tinha vergonha disso. Então tinha uma série de coisas da minha, dentro daquele espaço, que eu tinha vergonha. Eu tinha vergonha de dizer que a minha família não era católica e todas essas coisas. Eu me lembro assim de ser, de um pouco também, eu tinha ao mesmo tempo uma coisa que foi muito inculcada, sobretudo pelo meu pai, desde muito jovem. Tanto é que eu tenho, quer dizer, Thais. O meu professor, quer dizer, porque eu pratico o Budismo Tibetano, então o meu professor diz que no nome já tem uma certa inspiração do que que você será. Então o meu nome foi inspirado, Thais era uma mulher livre da antiga Grécia. Quer dizer, toda a mitologia em torno, o símbolo, a história de Thais, que é um nome também de uma personagem de uma ópera, que foi da onde o meu pai se inspirou, mas era uma mulher livre que vivia com os filósofos, uma mulher, quer dizer, que foi, a quem lhe foi dado, era independente, uma mulher a quem foi dado esse privilégio. Então, ao mesmo tempo que tinha toda essa coisa da minha vergonha um pouco de eu vir de um lugar diferente, tinha também essa coisa, essa ambição que eu tinha de ser uma mulher respeitada, independente, tudo isso. Então eu sempre fui muito estudiosa e desde muito jovem comecei a estudar línguas, entende? Quer dizer, todas as coisas que me abriam. Abriam, quer dizer, era um percurso para abrir a oportunidade de ter uma trajetória diferenciada, que era o que o meu pai de certa maneira pensou pra mim, que eu segui.

P1 – E apesar dessa vergonha, um pouco ficar encabulada destas origens, a senhora tinha um grupo de amigos, como que era na escola?

R – Não, eu tinha, tinha muitos amigos e tal, mas eu era sempre considerada CDF, muito direitinha. Muito direitinha assim, as pessoas sabiam que eu tinha lá as minhas, que eu fazia um pouco as coisas do meu jeito, mas eu tinha muito boa reputação de ser muito estudiosa, de ser muito dedicada, de ser, sempre eu era chamada pra ser a representante da turma. Então passei anos no colégio que eu tive, teve um ano que eu tirei 10, só 10 de cabo a rabo, era um boletim que só tinha 10, 10, 10, não teve uma nota abaixo de 10. Então aquilo era uma coisa assim, todos os meus irmãos estudaram no mesmo colégio. Eles sofriam porque ninguém era igual à Thais, entende? Então tinha essa coisa também das pessoas, das minhas amigas acharem que eu era, que aquilo era um exagero. Tinha um certo ciúme desse lugar tão assim elogiado que eu ocupava.

P1 – Eu queria que a senhora contasse um pouco então, já entrando no período da faculdade, dessa formação acadêmica, mestrado depois, mestrado como foi.

R – Então, aí entra a fase, quer dizer, eu vim, quando eu tinha 17 anos eu vim estudar. Eu saí de Macaé e fui estudar no Rio, me preparar. Aí foi um pouco uma época de mudança, porque era toda aquela coisa certinha, de notas boas, mas eu resolvi um pouco mudar, aproveitar mais a vida. Como eu tinha todo aquele capital do que eu sabia, eu fui pra uma escola inclusive que não era muito rigorosa, praticamente passei um ano sem estudar e tal. Mas no último ano, antes de fazer o vestibular, porque eu tinha essa coisa, quer dizer, o meu pai morreu depois quando eu tinha 14 anos. Foi uma coisa que teve um impacto significativo sobre minha vida porque eu me tornei um pouco chefe de família, porque os meus irmãos têm bastante diferença de idade de mim e a minha mãe não era uma pessoa que tinha assim uma experiência prática de cuidar do cotidiano e tal. Então me tornei muito a chefe de família, a pessoa que liderava. Então isso foi muito, de certa maneira isso aconteceu muito cedo. E aí eu fiquei muito com essa idéia de sedimentar minha independência, e aí eu fui, na época era, enfim, fui procurar uma Universidade que tinha não tanto assim exatamente o que eu queria fazer mas uma coisa que me desse garantias. O meu pai tinha uma indústria que foi uma empresa que tinha sido fundada lá em Macaé e que era uma empresa têxtil. Eu tinha idéia de substituí-lo, tinha outros sócios e tal. Então eu fui fazer, eu passei, eu estudei tal e passei para Administração na FGV no Rio. Na época era muito famosa, aquela história toda, eram 40 vagas. Então era super disputado porque não era uma faculdade assim, não era porque era uma faculdade paga, mas era uma faculdade de muito prestígio. Ainda é aqui em São Paulo, né, a FGV, e no Rio é mais público, mas na época era muito conhecida. E aí entrei pra Universidade e detestei porque era uma gente cheia de si, quer dizer, todos aqueles filhos de papai que na realidade não tinha muito a ver com a minha vida, que já era uma vida de muita batalha porque na realidade eu tinha 19 anos. Já tinham vários anos, já tinha cinco anos que o meu pai tinha morrido e eu, de certa maneira, estava na batalha. Eu tive também que me sustentar. Eu logo entrei pra fazer um estágio já no primeiro semestre, com isso eu pagava o meu curso de inglês e todas essas coisas. Mas o conteúdo também da Universidade que era muito tecnocrático também, quer dizer, eu não gostava muito de nada, não gostava do ambiente, não gostava do conteúdo, mas eu não deixei a Universidade. Entrei lá, tinha toda aquela coisa, aí fiz mais, cumpri aquilo porque era uma coisa que tinha um valor no mercado, poderia ter um valor no meu currículo. Mas aí deixei toda aquela coisa de estudar muito e segui aquilo pra constar. E aí aconteceu uma coisa interessante. Lá pelo terceiro ou quarto, quinto semestre, eu decidi, que era tão, eu estava tão desiludida, desmotivada com aquilo tudo. Eu falei: “Eu vou”... A minha família, a minha mãe, nós tínhamos vendido um terreno, então ela me deu o dinheiro, falou: “Sei lá, compra um carro, alguma coisa que você guarda pra você”. Então eu peguei aquele dinheiro, eu me lembro que na época eram três mil dólares. Isso aí foi quando. Isso aí foi em 1978. Eu falei: “Eu não vou fazer nada disso, eu vou é para a Europa”. E aí eu tinha o que? Eu tinha 20 anos. E aí, eu tinha 21 anos. E aí comprei uma passagem. Primeiro tranquei a faculdade por seis meses. Fui primeiro pra Espanha, que era onde eu tinha contatos, tinha família e tal. Fiquei lá um mês, depois fui pra Inglaterra, sempre com o meu espírito prático de também agregar algum valor ao que se faz. Eu fui lá e fiz um curso de inglês e tal, fiquei três meses lá, e lá eu conheci, nessa casa de estudantes onde eu morava tinham vários italianos, inclusive uma moça que me convidou muito pra eu passar o Natal, porque depois vinham as festas e tal e eu tinha até fevereiro. Eu tranquei a faculdade de agosto a fevereiro, e tinha essa moça inclusive que me convidou pra ir à Itália. E aí eu fui à Itália e foi uma

coisa muito, foi uma paixão assim à primeira vista. Fui pra Roma e adorei a cidade, adorei os italianos, adorei o que estava acontecendo, e fiquei por lá porque eu tinha, a minha idéia era passar por Roma e depois viajar mais. Eu não fui mais a lugar nenhum, saí de lá no último dia que era possível, mas com o propósito, firme propósito de voltar pro Brasil, terminar a faculdade, conseguir, enfim, trabalhar e tal, conseguir dinheiro, conseguir talvez uma bolsa e voltar pra Itália, que foi o que eu fiz. Depois de um ano e meio eu voltei pra Itália e fiquei cinco anos lá, que foi uma coisa muito importante na minha formação e no meu curso, no curso que a minha vida tomou depois.

P2 – Bom, aí você terminou, a gente vai ter que dar até uma corridinha, Thais, que tem bastante questões.

R – Tá bom, então vamos lá.

P2 – Eu queria que você...

R – Você me diz, olha...

P2 – Tá ótimo, muito legal a sua história, mas eu queria que você contasse como foi. A gente vai passar aí alguns anos adiante na sua vida, imagino. Como foi, o que te motivou a fundar o CEMINA.

R – CMRD, né, são duas organizações. Então foi isso. Eu morei na Itália, quer dizer, eu fiquei na Itália cinco anos. Na Itália eu na realidade iniciei uma outra profissão que foi o jornalismo. Quer dizer, tinha uma oportunidade de um trabalho naqueles programas brasileiros que na época a Rádio Vaticano e a Rádio, a RAI também fazia e tal, e lá eu me integrei muito com o feminismo, era o momento dos grandes movimentos sociais e tudo isso. E nisso, quer dizer, depois de cinco anos que eu estava lá veio uma mulher de quem eu gostava muito e ela também era uma espécie de mentora, era mãe de um amigo meu, e esta que a mulher me convidou pra, ela falou assim: “Eu estou coordenando uma pesquisa internacional e dentro dessa pesquisa há um componente de um curso de metodologia de pesquisa, de conteúdo de desenvolvimento internacional em termos de gênero, tem tudo isso e eu acho que você tem o perfil adequado para fazer isso”. Mas significava eu sair da Itália e voltar pro Brasil, porque essa era uma das condições para ganhar a bolsa pra fazer esse curso. Mas eu topei e fui. Então esse curso durou um ano. Eu passei a metade do ano em Chicago, na Universidade de Chicago, e a outra metade do ano foi na Colômbia que tinha uma pesquisa prática e tal. Então quando eu voltei pro Brasil eu voltei pro Brasil num lugar completamente diferente do que eu tinha deixado, quer dizer, deixei via Fundação Getúlio Vargas e depois trabalhei um pouco com uma firma de publicidade onde a gente viajava e tudo isso, da própria fundação com o Diretor, com o reitor da Fundação. E voltei no feminismo e como jornalista e numa agência de notícias de informações sobre a mulher da América Latina através da

. Então logo que eu cheguei foi ótimo porque houve um campo amplo que foi de poder viajar pela América Latina, porque eu tinha esse trabalho de identificar colaboradoras e treinar essas colaboradoras e fazer toda a parte mais logística e editorial desse serviço que se chamava

. E aí isso me deu, me abriu todo um campo de uma comunidade nova, internacional, quer dizer, que trabalhava com esses temas da mulher e do meio ambiente porque sempre essa foi uma área que me interessava muito. Quando eu cheguei no Rio em 86 era o momento do Partido Verde brasileiro forte, com o Gabeira. Vinha um grupo no Rio bastante ativo, mobilizado. Nós fundamos, dentro do Partido Verde brasileiro, um grupo de mulheres, chamava Bando das Mulheres e tudo isso. E aí essa minha ligação com o Partido Verde me levou a participar de uma das primeiras conferências que se fez em 1989, justamente das precursoras dessa ponte entre o feminismo e o meio ambiente, uma coisa. No sul, né, havia essa discussão entre as feministas, mas era mais teórica. Essa reunião era uma reunião em Bangladesh que reunia ativistas mais do sul, também do norte mas sobressaíram muito a Vandana Shiva, pessoas da Índia e de outros países. E aí nessa conferência eu conheci um grupo de mulheres alemãs que eram as financiadoras dessa conferência, mas que estavam nesse momento também começando uma fundação na Alemanha. Porque os partidos políticos na Alemanha, se eles atingem 5% no parlamento eles têm direito a um fundo do Governo Alemão para ser aplicado em projetos, internamente e internacionalmente. Então, o Partido Verde tinha decidido que esses fundos que eles tinham conseguido, esse 5% nas eleições, eles tinham decidido que os fundos iam ser repartidos numa fundação com três pernas, e uma delas era para projetos de mulheres, quer dizer, de mulheres envolvidas no meio ambiente e tal. E nessa conferência que essas mulheres estavam lá elas falaram: “Por que que a gente não faz uma coisa semelhante no Brasil? Você não estaria interessada em organizar tudo isso?” E aí eu falei: “Eu acho que pode ser”. Tinha uma outra brasileira lá e nós falamos: “Não, a gente pode tentar”. Elas falaram: “Não, porque nós conseguimos o dinheiro pra fazer uma coisa, pra estar ampliando esse debate no nível internacional e tal”. Aí estava, uns meses depois eu estava no Canadá, num curso que eu fui fazer lá, mas como membro da IPS e de um outro projeto que eu estava associado, que também ligada com a área do desenvolvimento em gêneros chamada DAWNY

. Eu era

, quer dizer, eu era a pessoa que cuidava da comunicação, quer dizer, era um trabalho paralelo ao meu trabalho com a agência e tal. Eu estava lá

e essas mulheres me chamaram pra ir à Alemanha que elas queriam falar comigo sobre essa proposta de fazer a conferência lá. Quando eu cheguei na Alemanha elas falaram: “Olha, a gente tem”, isso era tipo assim julho. Eu tinha ido numa conferência em abril, isso era em julho. “Eu sei que você tem interesse, quer dizer, que a gente pode fazer essa conferência, vocês já disseram, mas a questão é que nós temos, nós acabamos de abrir a fundação, temos todo esse dinheiro, quer dizer, alocado para nós, mas que nós temos um prazo para gastá-lo, que é o final do ano. Então a nossa pergunta pra você é se ao em vez de só a conferência você não tem interesse em fazer uma coisa maior, entende? Uma coisa maior que tenha várias atividades, um desdobramento da conferência com uma campanha. Mas é claro que pra isso você vai ter que abrir uma organização e começar um trabalho, ou seja, e fazer isso, porque nós temos uma série de procedimentos e de condições pra isso e tal”. Eu olhei aquilo, porque eu não ia fazer tudo isso. Eu tinha lá o meu trabalho e tinha a coisa do rádio que a gente tinha esse programa, que eu esqueci de contar, a gente tinha esse programa no Rio que se chamava ‘Fala Mulher’, que era um programa que eu tinha meio que trazido de uma idéia de uma coisa que a gente tinha feito na Itália e que se chamava ‘Ora due ora de le donne’ que era um programa nacional que as feministas tinham conseguido. E quando eu venho para o Brasil, elas me perguntaram: “O quê que a gente tem que fazer na área da comunicação?” Eu falei: “Vamos usar o rádio porque o rádio tem todo essa inserção e tal”. E aí a gente tinha esse programa e tinha uma pequena organização, mas era uma organização mínima, quer dizer, porque era um trabalho todo voluntário. E elas falaram assim, eu falei: “Não, claro que eu quero. E além de tudo eu não tenho só uma, eu tenho duas organizações. Eu poderia fazer duas, uma que lida mais com o meio ambiente, conferência e tal, e a outra que trabalha a coisa do rádio e tal”. E assim foi, eu já voltei de lá já com a idéia, eu falei: “Eu vou ter que largar todo o meu trabalho na agência e tudo mais”, porque isso significava, enfim, ter que fundar uma organização e tudo mais. Então as organizações CNRED, que são as organizações das quais eu sou fundadora, começaram assim meio que por uma oportunidade, e com dinheiro porque não foi uma coisa pequenininha. Foi uma coisa com dinheiro, com recurso para ter as atividades, para alugar um lugar, pra alugar uma sede, para comprar móveis, para estabelecer toda uma estrutura. Mas isso implicou que eu tivesse que deixar o que eu fazia antes e que isso fosse uma profissão, fosse o que eu assumia profissionalmente, não mais, quer dizer, um trabalho diletante, assim voluntário.

P2 – E o que se pregava, qual é a essência base dessa relação do feminismo com o meio ambiente?

R – Nessa época era muito, ia muito pela coisa mais filosófica, quer dizer, que assim como dentro do sistema que a gente vive existe uma lógica de dominação do patriarcado com a natureza, existe também com a mulher

. Então essa era, do ponto de vista filosófico era mais ou menos isso. No Brasil originalmente a gente trabalhou muito via questão da saúde porque tinha todo aquele discurso no final dos anos 90, e mesmo quando se lançou aquele relatório do nosso futuro comum, que deu origem à Eco 92 e a todo esse processo que se seguiu, havia essa visão de que o problema, principal problema de impacto sobre o meio ambiente, o impacto ao meio ambiente era causado pelos pobres e pela explosão populacional. Então isso de certa maneira se alinhava com tudo que tinha acontecido no Brasil e em outros países, aquelas medidas de controle populacional que tinham tido muito abuso, porque tiveram práticas coercitivas como no Brasil. Quer dizer, todas as campanhas de esterilização, as campanhas usando esses anticoncepcionais que são involuntários tipo Norplante, tipo a Depo-provera, tinham todas essas denúncias. E havia um discurso dos ambientalistas, sobretudo dos conservacionistas, que se alinhava um pouco

Porque todo feminismo foi muito, ele começa, todo o discurso feminista originalmente é muito baseado na análise do impacto sobre o corpo. Quer dizer, era um impacto sobre a reprodução, que as mulheres tinham que ter um direito de escolha, quer dizer, e a coisa da violência contra a mulher. Mas o corpo era uma coisa muito importante. Então todo o início dessa análise mulher e feminismo e meio ambiente passa por aí. Nós começamos a trabalhar já no período que precedeu 92, uma outra vertente que eu acho que tem muito mais, que é mais, digamos, pragmática, e que tem a ver com a idéia de qualidade de vida, quer dizer, que as mulheres, por elas estarem mais associadas ao âmbito doméstico, quer dizer, onde sobretudo nos meios urbanos, mas também rurais. Quer dizer, todos esses processos, o processo industrial, o processo de degradação do meio ambiente, o problema de escassez de água, todas essas coisas acabam impactando no nível da casa, que é o lugar onde as mulheres, quer dizer, que é o que tem impacto sobre as mulheres diretamente porque é a parte invisível do trabalho, o quê que isso significou em termos também de mobilização, mobilização pela qualidade de vida. Então era uma outra vertente do meio ambiente que não era o ambientalismo porque o ambientalismo tradicional era muito conservacionista, o simbólico das florestas, enquanto a queima pro uso, enquanto que essa parte da ecologia humana não era tão... Hoje ela já é bastante assimilada, mas não estava na visão geral. Então nós trouxemos muito essa parte da ecologia humana, como é que todo o processo de degradação impacta a vida das pessoas, sobretudo de determinadas, dependendo do lugar. Quer dizer, tem esse impacto ainda maior dependendo do lugar social que essa pessoa tem. Então hoje tem todos esses movimentos de justiça ambiental que mostram justamente o lixo, a degradação química. Eles são mais, os lugares de dejetos de todas essas substâncias perigosas são em comunidades pobres que são comunidades justamente onde vivem os negros, onde tem uma concentração de negros. Então tem todos esses recortes que foram sendo feitos, mas esse já faz parte de toda uma análise mais elaborada de todo esse processo, com essa vertente da

P1 – Naquele momento que vocês discutiram isso, que foi antes da Eco 92, como era a relação de vocês que trabalhavam a ecologia humana com os ecologistas, com os ambientalistas? Como se deu essa relação?

R – Eu acho que era, num primeiro momento era de, eu acho que aqui no Brasil nós nunca tivemos grande problema porque eu acho que o próprio processo de democratização já tinha trazido bastante essa ponte. Como a ecologia no Brasil se deu dentro também do movimento de esquerda, e o feminismo também, eu acho que tudo isso um pouco estava, já havia um diálogo prévio. Mas era um pouco de aprofundar o conhecimento do quê que eram essas temáticas, entende, quer dizer, através dos atores, dos sujeitos desse processo. Então eu acho que foi um

processo rico. No nível internacional, que foi no processo da Rio 92, isso foi incrível porque quando nós iniciamos o nosso processo de participação e tal, praticamente no documento da Agenda 21. Tudo que se falava era sobre população. Havia um enfoque fortíssimo sobre população e o papel que a população, que o crescimento populacional tinha sobre o meio ambiente. Nós mudamos isso, conseguimos colocar as mulheres como sujeitos também ativos nesse processo, que elas originalmente não estavam, não eram consideradas, eram consideradas assim naquele bolo geral. Então essa foi uma mudança significativa. Nós, do primeiro rascunho, o primeiro

, que não tinha nenhuma referência à mulher e à temática, à questão de gênero e a participação da mulher nesse processo, nós terminamos a Agenda 21 na conclusão do processo. No documento que foi finalmente aprovado tinha 183 recomendações específicas. Então foi um processo de ganho significativo.

P2 – Quando você fala “nosso” você se refere a quê exatamente?

R – Eu falo assim, os grupos que participaram desse processo mas sobretudo a que aparece. Por que, o que é que aconteceu?

Mas aí houve uma feliz coincidência, que originalmente nós não sabíamos, que o Brasil, foi decidido que o Brasil hospedaria a Rio 92, e aí isso criou um campo enorme pro nosso trabalho. Nós éramos a única organização constituída com esse perfil, com essa missão. Então por isso eu passei, eu fui chamada, e eu era muito jovem nesse momento, eu tinha 33 anos, mas eu fui chamada pra uma reunião que reunia mulheres nos Estados Unidos, que reunia mulheres assim de perfil já de muita trajetória, deputadas de vários países, lideranças tipo a Wangari Maathai que depois ganhou o Prêmio Nobel da Paz. E aí eu fui convidada no Brasil, junto com a Ruth Escobar que tinha fundado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, aquela história toda, pra pensarmos que estratégia as mulheres do Movimento Internacional de Mulheres poderia ter no âmbito do processo da Rio 92 para que nós pudéssemos aproveitar aquela oportunidade. Era a primeira vez que a ONU realmente se abria para sociedade civil num processo mais de mais diálogo e tudo mais. E nós... Enfim, e aí quando eu falo nós eu falo, nós formamos essa organização que era a WEDO, e essa organização foi fundamental para todos esses avanços que nós conseguimos nesse processo que eu acho que está na raiz da minha liderança também no Brasil nesse tema.

P2 – E durante a Eco 92 você, me corrija se não for isso mesmo, mas você organizou o ‘Planeta Fêmea’?

R – Isso.

P2 – Me conta um pouquinho o que era esse ‘Planeta Fêmea’.

R – Porque aí o quê que aconteceu? Tem uma história prévia aí. Nós lá nessa reunião em Nova York que aconteceu em novembro de 1990 liderada por essa grande líder feminista americana que morreu em 98, a Bella Abzug, nós pensamos uma estratégia de como mobilizar mulheres de outros países e tudo mais. Então montamos uma estratégia para que a gente pudesse participar daquele processo com alguma coisa. Aí essa estratégia foi fazer uma grande reunião em Miami que aconteceu em 91, foi um ano depois dessa reunião que nós fizemos. Nós éramos uma espécie de um conselho operacional desse processo todo de mobilizar para essa conferência. Que essa conferência foi incrível, tinha 1500 mulheres de 83 países, e nessa conferência gente de alto perfil, gente também, líderes comunitários. Mas foi uma coisa muito viva que até hoje internacionalmente é uma referência. E nessa conferência nós fizemos uma, elaboramos uma agenda, a

E essa agenda tinha 14 pontos que eram os pontos das nossas prioridades consensuadas nessa conferência, essa história toda, que foi um sucesso absoluto porque isso nos deu visibilidade e nos deu também, nós conseguimos um respeito nesse processo por parte dos outros interlocutores, o Governo, os outros setores envolvidos. E nós tínhamos, enquanto as ONGs tinham lá cada uma mais ou menos uma estratégia diferente, a gente enquanto movimento de mulheres internacional tinha uma estratégia única que era a Agenda 21 de Ação das Mulheres por um Planeta Saudável. Então o Planeta Fêmea, quer dizer, quando a gente... Então uma parte era a nossa estratégia via conferência oficial, a outra parte era a nossa estratégia para a sociedade civil, pro fórum das ONGs, que foi uma coisa super importante também na Rio 92, foi um evento, um

porque era uma referência mesmo, porque nunca tinha acontecido uma coisa assim, tantas organizações. Naquela época a gente não tinha Internet, não tinha, as coisas eram ainda... Quer dizer, reuniu 30 mil pessoas assim de organizações num só local. E aí nós decidimos fazer um evento que fosse geral das organizações de mulheres. Então esse evento foi o Planeta Fêmea. Então nós tínhamos a tenda maior do fórum das ONGs da Rio 92. Quer dizer, lá ocorriam todos os dias, durante 14 dias ocorreu uma contínua programação e cada um desses dias era organizado por uma rede internacional. Então eu fui organizadora, obviamente com outras pessoas aqui do Brasil, porque nós formamos uma comissão organizadora entre as quais pessoas como a Rosiscas, Schuma e outras pessoas que estiveram envolvidas, pessoas que eram lideranças do movimento feminista no Brasil. Mas eu tive esse papel de fazer a ponte internacional, sobretudo com o WEDO e com as organizações, as

redes que trouxeram a programação e as suas participantes. Então era uma coisa muito viva. Até ela me falou pra trazer os vídeos, eu esqueci esse vídeo, que esse vídeo é muito significativo. Depois eu posso mandar.

P2 – Vídeos e fotos que você tiver, depois a gente organiza.

R – Pois é.

P2 – É muito legal.

R – Eu vou anotar porque eu acho isso importante pra memória, que a gente tem um vídeo que é muito legal, é muito ilustrativo desse momento. Eu acho que isso ficou na história porque nós tivemos um sucesso retumbante, que dizer, era a tenda mais visitada de todas. A gente tinha desde chefes de estado até pessoas de todo tipo que se possa imaginar. E lá aconteciam coisas desde manhã, sete horas da manhã até de noite, todo tipo de pessoas e tal. Então era um centro de atração e nós tivemos uma repercussão na mídia, tipo páginas, quer dizer, um tanto assim de coisas de jornal, de vídeo, de muita coisa na televisão também. Então foi um evento de muito sucesso.

P2 – E, bom, foi graças à Rio 92 que saíram, além da Agenda 21, duas convenções que é a Diversidade Biológica e sobre a mudança do clima. Pra você em especial qual é a importância dessas convenções pro país e pro mundo?

R – Olha, eu acho que quando nós terminamos a Eco 92, quer dizer, havia muita, acho que a gente tinha uma ilusão porque eu acho que era o fim da guerra fria, a gente tinha a sensação de que a democracia ia ser um.. a democracia e a equidade eram valores que iam se expandir no mundo. Então tanto é que a Agenda 21, que é um plano de ação, que eu acho que é um plano muito, tem estratégias muito inteligentes a Agenda 21. Quer dizer, com a idéia da Agenda 21 local, a idéia de você criar formas participativas de identificação, de gestão de recursos públicos para o desenvolvimento sustentável, quer dizer, a plataforma do desenvolvimento sustentável. Então ele tem lá, tem muita coisa assim que é recheio porque todo mundo participou, todo mundo quis colocar alguma coisa lá, mas tem coisas muito inteligentes em termos de estratégia. Só que no final das contas as coisas que foram prometidas lá não foram cumpridas. Primeiro que era que o ODA, a ajuda ao desenvolvimento na época era de 0,3%, a promessa é que passasse para 0,7. Hoje é menos que 3, hoje é 0,2. Então nunca as condições para que muito do que está proposto lá fosse cumprido, quer dizer, havia todo um capítulo específico de mudança das contas públicas, quer dizer, de você passar a mensurar bens no produto nacional bruto que até então não eram mensurados, quer dizer, como a Hazel Henderson costuma falar, o *lawdy economy* e também toda a parte da, enfim, dos bens da natureza, contribuição da natureza. Então nós tivemos uma, quer dizer, quando terminou a Eco 92, como a gente tinha tido toda aquela participação, a REDEH passou a ser uma das organizações, quer dizer, a nossa missão se transformou em tentar ajudar a implementar algumas daquelas recomendações que nós tínhamos conseguido colocar no papel, quer dizer, educando os gestores públicos, mobilizando, educando as mulheres pra participação nesse processo. Nós fizemos muita coisa no Brasil, quer dizer, criamos no Rio o primeiro desenho de Agenda 21 local, fizemos caravanas pelo Brasil de educação do quê que era a Agenda 21, como é que as mulheres participavam disso, fizemos boas práticas, fizemos muita coisa pra criar essa cultura de muitos, dessa lógica mais participativa na gestão da questão do desenvolvimento sustentável, porque isso que é a Agenda 21 né? Só que isso eu acho que de certa forma a gente começou a ver os limites de todo esse processo, quer dizer, porque tudo isso leva muito tempo. Eu acho que há avanços sem dúvida, mas, quer dizer, a gente pensava que todas essas mudanças poderiam ocorrer muito mais rapidamente do que elas de fato ocorreram. Quer dizer, a idéia da Agenda 21 para que realmente você torne o desenvolvimento sustentável um plano de governo, seja local, seja estadual, você tem que ter isso como prioridade da liderança do governo, e não era. Quer dizer, isso era botado lá pra escanteio nas Secretarias de Meio Ambiente que nunca tinham recurso. Então ficava aquela coisa enorme que virava um ratinho, e a gente ali em volta daquela história e tal. A estratégia, eu acho que as Convenções, sobretudo a Convenção de Mudança Climática, ela começa, ela foi muito importante naquele momento porque você já tinha as primeiras evidências, os primeiros relatórios científicos do IPCC, do International Panel on Climate Change que mostravam que havia de fato uma alteração em ecossistemas importantes devido à mudança do clima, devido às emissões que a gente tem colocado dos gases de efeito estufa e tal. Mas eu acho que a convenção realmente ela ganha um porte depois do Protocolo de Kyoto, que foi em 1997 se eu não me engano. Acho que foi justamente na época que, quando a gente fez, indicamos a revisão de cinco anos da Rio 92, na Rio+5 que houve esse relatório da IPCC que mostrava realmente que as calotas polares estavam degelando e que a ação era necessária e tal, que é quando o Al Gore naquela articulação em Kyoto se lança o protocolo. E aí eu falo da minha trajetória especialmente porque eu acho que a questão da mudança climática, digamos assim, como um tema do movimento de mulheres ainda não é, não tem essa repercussão, esse entendimento. Mas eu digo assim, mais do meu ponto de vista e da minha trajetória eu acho que esse passou a ser um tema crítico e eu acho que é um tema, eu tenho muito interesse porque cada vez mais eu também fui me interessando pela questão da liderança. Porque todas essas coisas, essas belas idéias, se elas depois não têm lideranças capazes de implementá-las elas não acontecem, entende? Não adianta você pensar que todos esses processos de transformação acontecem, porque têm muitos obstáculos, tem muitos empecilhos, tem muita gente que resiste muito a essa mudança, quer dizer, pessoas que querem manter lá o seu pequeno

seja lá qual for, em todos os setores, em todos os níveis, mas no setor público isso é muito gritante.

E ele, de certa maneira, exige uma ação em muitos níveis. Exige, para que você tenha um impacto você precisa da colaboração de muitos agentes diferenciados, sejam eles do setor da ciência, seja do setor de, digamos, mais da engenharia porque toda a questão da mudança da matriz energética exige isso, e isso tanto dos educadores, da área de saúde. Quer dizer, em muitos ele reúne toda essa transversalidade, essa integração. Então eu passei a me interessar muito pelo tema de mudanças climáticas já em 97, e aí comecei a participar, participei de algumas das COPs e sobretudo uma importante que foi a do ano 2000 que foi a que de certa maneira interrompeu a participação dos Estados Unidos logo depois, quer dizer, que isso quebrou um pouco a lógica do Protocolo de Kyoto porque obviamente se um país que emite 25% dos gases do efeito estufa não participa, isso tinha uma mudança. E hoje... Eu não sei que pergunta você quer... se quiser eu continuo contando sobre isso, você quer...

P2 – Até, já que você está nesse tema, que você participou então de várias conferências internacionais da ONU durante a década de 90. Na sua opinião qual dessas conferências produziu melhores resultados?

R – Olha, sem dúvida acho que foi a que estabeleceu um parâmetro novo de participação da sociedade, de discussão sobre esses temas globais, de ampliação dessa visão, foi a Rio 92. Agora, todas as outras de certa maneira seguiram a mesma lógica de fazer com que a sociedade debater temas problemáticos, complexos, da sociedade, porque depois veio Direitos Humanos, já com a terceira geração de Direitos Humanos que são mais os direitos pessoais, e depois nós tivemos a Conferência de População que já não olha tanto a população como uma questão de controle de natalidade, mas como uma questão de desenvolvimento. Acho que foi, houve avanço em todos esses temas. Depois veio a Conferência do Habitat, que eu acho, a Conferência da Cúpula de Desenvolvimento Social que foi muito importante pra chamar a atenção da questão da pobreza, do endividamento. Tirou aquela coisa da, foi a conferência que lançou aquela proposta de cancelamento da dívida dos países pobres, entende? Quer dizer, que depois continua em pauta, quer dizer, que é a bandeira lá do Bono, do Bono Vox U2, aquele negócio todo. Depois, veio depois dessa Conferência do Habitat que foi, na minha opinião, uma conferência muito inteligente em termos de desenho já que os setores da sociedade, os stakeholders participaram dentro do processo da conferência, não num processo de lobby como tinham sido mas dentro do formato da conferência. Eu acho que ela foi uma conferência muito inteligente em termos do desenho, quer dizer, com um lugar muito mais organizado e definido. Depois dessa teve a Conferência do Racismo, que foi uma conferência complicada. E aí eu acho que isso, a partir do ano, pro final dos anos 90 todas as coisas começaram. Já a partir do ano 2000 tudo começou a mudar um pouco porque a situação do mundo mudou, quer dizer, com novos atores emergindo. Logo depois teve o atentado de 11 de setembro e isso mudou definitivamente o curso que deu origem às conferências dos anos 90 que era muito mais uma idéia de que era possível corrigir muitos dos problemas equitativamente. Agora a gente tem um mundo mais fragmentado, quer dizer, a gente olha os problemas, mas assim, muito mais dentro de determinados nichos e não como uma coisa que pode ser expandida para toda a sociedade e tudo mais.

P2 – Você acha que existe o que? Uma maior intolerância? É isso?

R – Não, eu acho que existe claramente uma reação ao ocidente por parte de determinados segmentos importantes das culturas que formam o mosaico do planeta, no caso são os muçulmanos e tudo isso, quer dizer, eu não vou entrar no mérito se isso...mas essa é a realidade e isso criou uma outra correlação de forças. A situação geopolítica é muito diferente do que era nos anos 90, porque os anos 90 foi o fim da guerra fria e um período de expansão da idéia de que a gente podia, a democracia podia dar conta dos problemas do mundo. Vamos chamar todo mundo, vamos discutir, tem dinheiro. Ou seja, os anos, o século XXI é uma outra história, quer dizer, é o mundo através de conflitos, de diferenças, de muita fragmentação. Eu acho que é, sobretudo, isso, quer dizer, você não tem um curso único, você tem muita prioridade em diversas direções. Por isso que é tão difícil também a gente trabalhar soluções globais. Então eu acho que muito mesmo em questões como a mudança climática, acho que a coisa tem sido vista muito em termos de ver o quê que pode melhorar. Não vamos assim criar grandes transformações, mas como a gente percebe que a situação não se deteriora mais do que está. Eu acho que é muito mais essa lógica que a lógica de que nós vamos mudar o mundo, vamos transformar, entende?

P2 – Bom Thais, você, eu queria saber qual é a sua função na ICON, você dizer um pouquinho o quê que é essa, enfim, que é uma instituição né, dá pra se chamar assim?

R – Não é uma instituição, não. A ICONS...eu não sei como é que isso apareceu aí, mas a ICONS foi uma conferência. O quê que aconteceu em 2000 quando o Governo Lula foi eleito, em 2002, não foi isso? 2003. Então nós tínhamos a Marina, Secretária do Meio Ambiente e uma amiga minha, mas, ela é, sobretudo, ela é uma personalidade, é uma pensadora, uma estrategista da questão do meio ambiente e da responsabilidade social e tal, a Hazel Henderson, ela vinha ao Brasil pro Fórum Social Mundial e ela falou: “Por que que a gente não aproveita essa possibilidade do governo Lula pra gente de fato implementar, fazer, tirar do papel toda aquela estratégia da Rio 92 que era de mudar o desenho das contas públicas e fazer valer, contabilizar o patrimônio ambiental, patrimônio cultural, mudar o que normalmente é contabilizado como despesa, educação, saúde, passar que isso seja um investimento porque isso pode mudar completamente o resultado das contas públicas brasileiras”. Daí acho que com o governo Lula a gente tem chance disso, toda aquela coisa que o Brasil também ia mudar a cultura, aquele troço todo. E aí a idéia, ela falou assim: “Porque que a gente não faz uma conferência?”

Fiz a conferência que foi um grande sucesso, e nós juntamos com outros, quer dizer com muitas parcerias, Instituto Ethos. Foi uma coisa assim

que envolveu também muito o setor privado que era um setor até que não tinha muito conhecimento, não tinha muita inserção. E foi uma coisa muito valiosa essa conferência, quer dizer, acho que ela teve, ela não conseguiu ter grande impacto no nível nacional mas ela criou muitas iniciativas a partir de boas práticas e tal. Mas eu acho que talvez se você queira o que eu quero, eu quero contar pra você uma coisa que eu estou fazendo agora que eu acho que é mais, que é interessante para esse tema todo, sobretudo a mudança climática. Você tem alguma outra pergunta, porque senão eu insiro isso.

P2 – Pode inserir, depois a gente volta, não tem problema.

R – O quê que você ia perguntar agora?

P2 – Eu ia te perguntar, pra você qual é a relação entre política e desenvolvimento sustentável. Mas se você quiser também, fique à vontade.

R – Eu volto depois pra isso. Vamos lá, vamos primeiro a essa, depois eu entro em política e desenvolvimento sustentável. É uma pergunta difícil porque, enfim, a política, na acepção da palavra, ela media interesses porque a sociedade é constituída de segmentos já todos com interesses diferenciados. Em tese a política deveria mediar esses interesses pelo bem comum. Foi a política, em sua origem filosófica, é isso. Ela se transformou numa mixórdia, quer dizer, de interesses de grupos, interesses muito primários e de grupos que representam esses interesses e que às vezes mesmo nesse processo se perde isso, acho que, sobretudo no Brasil, por isso que uma reforma política seria tão importante para resgatar essa origem. Não é só a origem, mas esse sentido, que é uma questão de sentido. Então eu não sei. Hoje em dia eu acho que obviamente a política é muito importante porque ela de certa forma, é ainda através da política que a gente organiza, estrutura o processo da sociedade porque a gente, enfim, a gente tem instituições que são as instituições que canalizam os impostos, que implementam as leis e tudo isso. A gente tem visto a precariedade disso tudo, né? Então eu acho que, eu vejo hoje, quer dizer, depois desses 17 anos, 20 anos, são, né? 1986, são 20 anos de envolvimento com todo esse processo e tal. Eu acredito muito nos, assim, no trabalho mais no nível dos indivíduos, entende? Porque eu acho que as instituições hoje elas são muito fragmentadas, elas têm, você encontra de tudo nas instituições, encontra pessoas que têm uma visão e têm um comprometimento muito nobre, você encontra gente predadora, você encontra de tudo. É esse saco de gatos que é a situação do que nós somos hoje. Então eu acredito muito assim em trabalhar com os indivíduos, quer dizer, criar essas novas institucionalidades que não são, são pessoas de diversas instituições que de certa forma levam pra frente certos processos. Essas pessoas podem estar na política também, mas não é a política em si que leva essas pessoas que estão na política, essas pessoas que estão na sociedade civil, essas pessoas que estão no setor privado, essas pessoas que estão em organizações internacionais, essas pessoas que estão em comunidades e são como se fossem tribos que levam esses processos de desenvolvimento sustentável para diante. No entanto assim, a política que você vai reformar pra que ela seja a portadora do desenvolvimento sustentável. Isso eu não acredito de jeito nenhum e nem acho que vai acontecer.

P2 – E fora isso qual é a sua visão, quais as perspectivas que você vê pro Brasil nos próximos 15, 20 anos, dentro de toda essa questão da ecologia humana, como de biodiversidade, como de desenvolvimento sustentável?

R – Enfim, é complicado porque o Brasil é um país de tantos extremos. Quer dizer, ao mesmo tempo você vê coisas bárbaras que são inimagináveis, mas você vê também ações muito criativas, nobres, quer dizer, muitas com algum impacto. Enfim, eu temo que a gente não consiga nos próximos, pelo menos no curto prazo, a gente não consiga unir essas duas pontas. Então, pra continuar indo é assim, quer dizer, ir puxando essas duas tensões que vão em duas, que puxam em duas direções diferentes. Eu tendo a pensar, quer dizer, eu não sou, eu sou uma otimista porque eu sou uma empreendedora e eu quero, até o final da minha vida, seja lá o que esteja acontecendo eu vou me ligar naquela brechinha do que é possível fazer, e não ficar paralisada pelas impossibilidades e pelo que você vê que não funciona ou pelo negativo. Eu me pauto pelo positivo mesmo que ele seja pequeno porque eu acho que sempre há possibilidades de desdobramento. Você puxa um fio e aquilo vai ganhando um curso. Mas eu acredito que, eu tendo a pensar, pela complexidade dos problemas, pelo nível, pela falta de capacidade total das instituições responderem aos problemas, pela magnitude que eles têm, eu tendo a pensar que a gente vá ter problemas sérios porque as coisa tendem, se você não cuida delas elas tendem a crescer. Eu acho que a gente tende a ter problemas sérios e talvez isso seja um alerta porque às vezes a mudança vem pelo sofrimento. Há duas maneiras da gente mudar, ou por pressão ou por consciência. Eu acho que as coisas têm mostrado que a gente está mais, a gente está caminhando muito mais pro curso de ter que mudar pelo sofrimento do que pela consciência que é a transformadora, generativa. Então eu tendo a pensar nisso. Mas independente de que esse seja o curso eu acho que é importante que as pessoas que têm consciência, que sabem e que querem se envolver totalmente, que elas continuem fazendo, porque seja lá o que for, enfim, eu não acredito que o planeta vá acabar. E sempre a gente vai poder, porque a gente que já aprendeu, já praticou, vá ter oportunidade lá na frente de estar mostrando um caminho. Então a gente está se antecipando para uma coisa que vai ter mais atenção daqui a um tempo. Sempre foi assim.

P2 – Você queria dizer alguma coisa....

R – A última coisa. É que eu queria falar pra você, que eu acho interessante, que foi um projeto que eu comecei a fazer parte no ano passado, que é um projeto de mudança climática que eu acho que ele une muito algumas das coisas que eu falei, que foi muito interessante, porque eu nem sou assim uma especialista desse tema de energia e tal mas eu fui convidada pra fazer parte da diretoria desse projeto internacional que se chama South South North. O projeto começou com a idéia, assim que o mecanismo do desenvolvimento limpo foi criado depois da IV Conferência de Marrakech, que os países do sul tinham que aprender, porque era uma coisa nova. Como é que você implementa projetos, com todas aquelas requisições de adicionalidade, de business line que são muito sofisticados como desenho, e como é que os países do sul aprendiam isso. E aí no Brasil a COP, né, o centro, o departamento na área de planejamento energético da COP, na África do Sul uma organização, depois mais dois países se juntaram pra fazer instituições nesses países para fazer esse projeto. E aí o projeto foi, teve resultados, e numa segunda rodada desse projeto eu fui convidada a participar, que é segunda fase desse projeto que inclui não só a

. Aí eu fui chamada e tem sido uma experiência muito interessante porque eu acho que, de novo, é o desenho desse projeto internacional. Ele tem organizações, ele se baseia em organizações já existentes, ele faz essa ponte entre mitigação e adaptação, mudança climática e pobreza. Então é todo, vai ser um aprendizado importante porque nós vamos ter que implementar projetos específicos, quer dizer, por países que, quer dizer, tenham uma solução, que apresentem uma solução para a questão da mudança climática com a questão social que é a redução da pobreza. Então isso daí, esse projeto começou ano passado e vai até 2008.

P2 – Eu só queria que você repetisse o nome.

R – South South, sul sul norte, South South North.

P2 – Ah, tá, South South North. E nesse projeto, enfim, é consultada a Convenção sobre mudança do clima, o Protocolo de Kyoto...

R – Não, o projeto é todo baseado no arcabouço da Convenção, do Protocolo de Kyoto, porque o mecanismo do desenvolvimento limpo é um dos mecanismos do Protocolo de Kyoto.

P2 – Portanto já são desdobramentos a partir dessa Convenção, né?

R – Exatamente. Inclusive nós temos um vídeo dessa coisa que talvez também seja interessante. Depois eu vou anotar as coisas que podem ser interessantes.

P2 – Então, só pra terminar, Thais, eu queria saber. Você é casada, tem filhos?

R – Eu não sou casada e não tenho filhos.

P2 – Tá, eu queria que você dissesse quais foram as principais lições que você tirou da sua carreira, dessa bela carreira que você tem.

R – Eu acho que... Bem, eu acho que a principal lição que eu tirei foi que sem uma transformação da nossa, eu acho que tudo isso que a gente, essas transformações que a gente quer ver no planeta são transformações que estão intrinsecamente ligadas com nós mesmos, entende? Eu acho que tem que começar pela gente, eu acho que tem que começar por expandir porque eu acho que a gente olhou muito, sobretudo no Ocidente, a gente olhou muito pra fora, e eu acho que isso é fantástico porque nós conseguimos toda essa sofisticada tecnologia de domínio da natureza, de domínio da realidade, de tudo isso. Mas eu acho que nós, como seres humanos nós somos ainda, nós nos desenvolvemos muito racionalmente, mas não como seres mesmo, parte do ser, quer dizer, que é o que te dá....porque a questão principal é que no fundo nós, toda essa, tudo isso que a gente, a gente aqui de certa forma a gente está por um período pequeno para aprender e para, de certa forma, servir e florescer com tudo isso que está aí junto com a gente. E eu acho que isso daí é um aprendizado que nós no ocidente estamos começando a ver agora. Então a grande lição foi que sem essa mudança interior de cada um de nós, que significa estar superando as nossas barreiras internas, é muito difícil que a gente consiga a sustentabilidade externa. Então essa foi a minha lição e hoje, digamos, essa é um pouco a prioridade que eu trabalho. Um amigo meu, como ele costuma dizer, é o pragmatismo idealista. Quer dizer, que a gente de certa forma, ou como ele fala em inglês, inspired pragmatism, quer dizer, que é um pragmatismo tem que vir de uma inspiração que é a partir de um trabalho interior mais profundo. Porque quando acaba, todas as coisas, no fundo eu acho que elas, há idéias fantásticas, mas o maior obstáculo a que elas sejam implementadas são as pessoas, não são recursos.

A gente tem recurso demais em todo lugar, entende? Hoje a gente tem todos os recursos, a gente tem recursos tecnológicos. A questão são as pessoas, como é que... Onde é que as coisas param? Vê aquele grande projeto, onde é que parou? Parou porque fulano ficou com inveja e não deixou passar. Em todos os lugares é assim. Então a gente vai ter que superar isso, entende? Então hoje o meu enfoque é muito isso, olhar para as ações. Mas não é tão importante o que você faz de grande, mas que você faça as coisas aprendendo a ser desde um outro lugar, e eu estou começando por mim mesmo.

P2 – Isso é totalmente budista, né? O pouco que eu sei e gosto do budismo, eu sinto que é bem budista. Mas eu queria, só pra terminar, o quê que você acha de ter participado desse projeto de memória?

R – Ah, eu acho muito interessante, sobretudo olhar vocês assim. Porque, enfim, é difícil ficar escutando as pessoas, eu acho que você precisa de um treinamento. E eu me sinto assim privilegiada de ter sido convidada para estar entre essas 57 pessoas que podem ajudar a recuperar a memória de um processo tão importante, mas também de ter estado aqui com vocês nesse momento que vocês estiveram prestando atenção. Quer dizer, que é uma generosidade muito grande escutar alguém, a história de alguém.

P2 – Pra gente é um prazer. A gente tem aprendido muito. Obrigada, Thais, por hoje é só.

R – Tá bom.

P1 – Bom, pra começar eu queria que a senhora desse o seu nome completo, o local e a data de nascimento.

R – O meu nome é Thaís Rodrigues Corral, eu nasci em Macaé no Estado do Rio de Janeiro em 12 de fevereiro de 1957.

P1 – Qual o nome dos seus pais?

R – O nome dos meus pais são Alda Rodrigues Corral e Mário Ângelo Corral.

P1 – A senhora se lembra dos seus avós?

R – Me lembro dos meus avós. Eu tenho, os meus avós maternos são, os meus quatro avós tanto de parte de mãe quanto de parte de pai são espanhóis. Então os meus avós maternos, você quer o nome deles? É Maria Gonzáles e Serafim Rodrigues. E os meus avós paternos, Maria Soledad Corral e Félix Corral.

P1 – Qual a atividade profissional dos seus pais e dos seus avós?

R – Dos meus avós? Bem, os meus avós, talvez seja um pouco difícil recuperar dos quatro, mas o meu avô paterno e minha avó materna eles vieram para o Brasil como imigrantes, e o meu avô era um anarquista. Então ele fez um restaurante, fez o primeiro restaurante vegetariano do Rio de Janeiro, e eles eram um pouco assim inovadores, de projetos. Depois ele fez uma tamancaria. Ao longo da vida dele ele criava projetos novos, e a minha avó um pouco o acompanhava. E o meu avô de parte paterna era também imigrante, só que ele imigrou para Argentina. O meu pai era argentino e ele também fez várias coisas na vida dele, entre elas ele ganhou um prêmio razoável de dinheiro na loteria e aí ele, na época, isso era lá pelos anos 30, 30 e alguma coisa, ele fez uma volta ao mundo, quer dizer, com aquele dinheiro. Só depois que o dinheiro mais ou menos tinha acabado, porque ele depois investiu todo o dinheiro em marcos alemães e o marco perdeu muito de valor. Então aí ele começou a trabalhar. Casou-se, mas já com mais idade, e começou a trabalhar. Então essa minha avó de parte materna era, enfim, era dona de casa, pelo que eu sei.

P1 – E essa origem espanhola a senhora sabe a região?

R – Eu sei. A região da família da minha mãe é de Galícia e a do meu pai é da Região de Burgos que fica em Castilha.

P1 – A senhora tem irmãos?

R – Eu tenho dois irmãos.

P1 – O quê que eles fazem?

R – Eles são mais jovens que eu. Um deles tem 37 anos e o outro tem 43. Um deles é Publicitário, Comunicador Social, e o outro é Economista.

P1 – A senhora consegue descrever a rua, o bairro onde morava quando era criança, o cotidiano?

R – O meu cotidiano? Então, quer dizer, minha família, eu tive uma infância, minha família foi pouco convencional porque nós, eu acabei, quer dizer, morando, nascendo na cidade onde eu nasci, porque o meu avô, esse avô anarquista, pegou um ônibus no Rio porque tinham dito pra ele, ele tinha um modelo de um tamanco e ele queria encontrar uma serrallharia para reproduzir aquele tamanco. Então tomou um ônibus no Rio e seguiu em direção, pelo litoral, seguiu, ia parando e tal. E ele chegou nessa região, que hoje é a região de Macaé, dessa cidade que depois virou um pólo de petróleo, um lugar importante, nacional, desse ponto de vista. Ele achou que aquilo era, disseram pra ele que lá tinha uma serrallharia. Ele ia pro Espírito Santo, mas resolveu parar e investigar, e aí ele achou na cidade um ecossistema perfeito porque tem rio, tem mar, tem lagoa, tem montanhas. Então tem todos esses elementos que compõem um ecossistema integrado para uma cidade, ainda uma cidade pequena. Aí ele resolveu, gostou muito da cidade e resolveu mudar-se pra lá, e com ele, ele levou uma comunidade de espanhóis, quer dizer, inclusive o meu pai que tinha se casado com a minha mãe e que resolveu, que fundou uma indústria lá. Então a casa onde eu nasci, onde eu me criei até seis, sete anos era uma casa que também foi feita, porque o meu avô era assim, ele gostava de fazer as coisas. Uma casa que foi feita pelo meu avô, que tinha um quintal muito grande, que tinha árvores frutíferas, que tinha uma árvore de fruta do conde. Eu sei me lembro que tinha horta, que tinha. Então tinha toda essa coisa de uma infância numa cidade relativamente pequena mas também numa casa que tinha todo esse espaço.

P1 – E a senhora consegue ver a relação com o seu interesse pelo meio ambiente nessa infância?

R – Eu consigo ver esse interesse pelo meio ambiente um pouco pela herança da minha família porque minha família toda sempre, tanto de parte de pai quanto de parte de mãe, tem uma preocupação social, uma preocupação ambiental, uma preocupação com a saúde. Todas as pessoas faziam muito esporte, eram vegetarianos. Então vem um pouco disso, um tanto de... A gente sempre viveu em lugares que tinha um contato com a natureza, mas vem mais dessa coisa que fazia parte mesmo da cultura da minha família.

P1 – Já na sua juventude, eu queria que a senhora contasse um pouquinho as lembranças do período escolar, quando começou os estudos, as escolas.

R – Então, eu fui, apesar da minha família ser, digamos, contra, o meu avô sobretudo, como anarquista, era contra religião, contra todas essas instituições que são mais convencionais na sociedade, tanto é que eu não fui batizada até os cinco anos de idade. Fui batizada meio que escondido por uma tia da minha mãe. Mas, apesar disso, a melhor escola que tinha nessa cidade era um instituto salesiano. Então, eu fui estudar num colégio de freiras. E, enfim, era muito curioso que eu tinha certa vergonha da minha família ser tão diferente porque eu, por exemplo, tinha um nome que era pagão. Tanto é que, quando eu fui batizada, botaram um Maria no meio que depois eu obviamente deixei, Thais Maria. Aquela coisa porque eu tinha... eu escrevia. Em todos os meus cadernos tem lá Thais Maria porque eu tinha coisa, queria recuperar, queria ser igual a todo mundo. A

minha família não comia carne, eu tinha vergonha disso. Então tinha uma série de coisas da minha, dentro daquele espaço, que eu tinha vergonha. Eu tinha vergonha de dizer que a minha família não era católica e todas essas coisas. Eu me lembro assim de ser, de um pouco também, eu tinha ao mesmo tempo uma coisa que foi muito inculcada, sobretudo pelo meu pai, desde muito jovem. Tanto é que eu tenho, quer dizer, Thais. O meu professor, quer dizer, porque eu pratico o Budismo Tibetano, então o meu professor diz que no nome já tem uma certa inspiração do que que você será. Então o meu nome foi inspirado, Thais era uma mulher livre da antiga Grécia. Quer dizer, toda a mitologia em torno, o símbolo, a história de Thais, que é um nome também de uma personagem de uma ópera, que foi da onde o meu pai se inspirou, mas era uma mulher livre que vivia com os filósofos, uma mulher, quer dizer, que foi, a quem lhe foi dado, era independente, uma mulher a quem foi dado esse privilégio. Então, ao mesmo tempo que tinha toda essa coisa da minha vergonha um pouco de eu vir de um lugar diferente, tinha também essa coisa, essa ambição que eu tinha de ser uma mulher respeitada, independente, tudo isso. Então eu sempre fui muito estudiosa e desde muito jovem comecei a estudar línguas, entende? Quer dizer, todas as coisas que me abriam. Abriam, quer dizer, era um percurso para abrir a oportunidade de ter uma trajetória diferenciada, que era o que o meu pai de certa maneira pensou pra mim, que eu segui.

P1 – E apesar dessa vergonha, um pouco ficar encabulada destas origens, a senhora tinha um grupo de amigos, como que era na escola?

R – Não, eu tinha, tinha muitos amigos e tal, mas eu era sempre considerada CDF, muito direitinha. Muito direitinha assim, as pessoas sabiam que eu tinha lá as minhas, que eu fazia um pouco as coisas do meu jeito, mas eu tinha muito boa reputação de ser muito estudiosa, de ser muito dedicada, de ser, sempre eu era chamada pra ser a representante da turma. Então passei anos no colégio que eu tive, teve um ano que eu tirei 10, só 10 de cabo a rabo, era um boletim que só tinha 10, 10, 10, não teve uma nota abaixo de 10. Então aquilo era uma coisa assim, todos os meus irmãos estudaram no mesmo colégio. Eles sofriam porque ninguém era igual à Thais, entende? Então tinha essa coisa também das pessoas, das minhas amigas acharem que eu era, que aquilo era um exagero. Tinha um certo ciúme desse lugar tão assim elogiado que eu ocupava.

P1 – Eu queria que a senhora contasse um pouco então, já entrando no período da faculdade, dessa formação acadêmica, mestrado depois, mestrado como foi.

R – Então, aí entra a fase, quer dizer, eu vim, quando eu tinha 17 anos eu vim estudar. Eu saí de Macaé e fui estudar no Rio, me preparar. Aí foi um pouco uma época de mudança, porque era toda aquela coisa certinha, de notas boas, mas eu resolvi um pouco mudar, aproveitar mais a vida. Como eu tinha todo aquele capital do que eu sabia, eu fui pra uma escola inclusive que não era muito rigorosa, praticamente passei um ano sem estudar e tal. Mas no último ano, antes de fazer o vestibular, porque eu tinha essa coisa, quer dizer, o meu pai morreu depois quando eu tinha 14 anos. Foi uma coisa que teve um impacto significativo sobre minha vida porque eu me tornei um pouco chefe de família, porque os meus irmãos têm bastante diferença de idade de mim e a minha mãe não era uma pessoa que tinha assim uma experiência prática de cuidar do cotidiano e tal. Então me tornei muito a chefe de família, a pessoa que liderava. Então isso foi muito, de certa maneira isso aconteceu muito cedo. E aí eu fiquei muito com essa idéia de sedimentar minha independência, e aí eu fui, na época era, enfim, fui procurar uma Universidade que tinha não tanto assim exatamente o que eu queria fazer mas uma coisa que me desse garantias. O meu pai tinha uma indústria que foi uma empresa que tinha sido fundada lá em Macaé e que era uma empresa têxtil. Eu tinha idéia de substituí-lo, tinha outros sócios e tal. Então eu fui fazer, eu passei, eu estudei tal e passei para Administração na FGV no Rio. Na época era muito famosa, aquela história toda, eram 40 vagas. Então era super disputado porque não era uma faculdade assim, não era porque era uma faculdade paga, mas era uma faculdade de muito prestígio. Ainda é aqui em São Paulo, né, a FGV, e no Rio é mais público, mas na época era muito conhecida. E aí entrei pra Universidade e detestei porque era uma gente cheia de si, quer dizer, todos aqueles filhos de papai que na realidade não tinha muito a ver com a minha vida, que já era uma vida de muita batalha porque na realidade eu tinha 19 anos. Já tinham vários anos, já tinha cinco anos que o meu pai tinha morrido e eu, de certa maneira, estava na batalha. Eu tive também que me sustentar. Eu logo entrei pra fazer um estágio já no primeiro semestre, com isso eu pagava o meu curso de inglês e todas essas coisas. Mas o conteúdo também da Universidade que era muito tecnocrático também, quer dizer, eu não gostava muito de nada, não gostava do ambiente, não gostava do conteúdo, mas eu não deixei a Universidade. Entrei lá, tinha toda aquela coisa, aí fiz mais, cumpri aquilo porque era uma coisa que tinha um valor no mercado, poderia ter um valor no meu currículo. Mas aí deixei toda aquela coisa de estudar muito e segui aquilo pra constar. E aí aconteceu uma coisa interessante. Lá pelo terceiro ou quarto, quinto semestre, eu decidi, que era tão, eu estava tão desiludida, desmotivada com aquilo tudo. Eu falei: “Eu vou”... A minha família, a minha mãe, nós tínhamos vendido um terreno, então ela me deu o dinheiro, falou: “Sei lá, compra um carro, alguma coisa que você guarda pra você”. Então eu peguei aquele dinheiro, eu me lembro que na época eram três mil dólares. Isso aí foi quando. Isso aí foi em 1978. Eu falei: “Eu não vou fazer nada disso, eu vou é para a Europa”. E aí eu tinha o que? Eu tinha 20 anos. E aí, eu tinha 21 anos. E aí comprei uma passagem. Primeiro tranquei a faculdade por seis meses. Fui primeiro pra Espanha, que era onde eu tinha contatos, tinha família e tal. Fiquei lá um mês, depois fui pra Inglaterra, sempre com o meu espírito prático de também agregar algum valor ao que se faz. Eu fui lá e fiz um curso de inglês e tal, fiquei três meses lá, e lá eu conheci, nessa casa de estudantes onde eu morava tinham vários italianos, inclusive uma moça que me convidou muito pra eu passar o Natal, porque depois vinham as festas e tal e eu tinha até fevereiro. Eu tranquei a faculdade de agosto a fevereiro, e tinha essa moça inclusive que me convidou pra ir à Itália. E aí eu fui à Itália e foi uma

coisa muito, foi uma paixão assim à primeira vista. Fui pra Roma e adorei a cidade, adorei os italianos, adorei o que estava acontecendo, e fiquei por lá porque eu tinha, a minha idéia era passar por Roma e depois viajar mais. Eu não fui mais a lugar nenhum, saí de lá no último dia que era possível, mas com o propósito, firme propósito de voltar pro Brasil, terminar a faculdade, conseguir, enfim, trabalhar e tal, conseguir dinheiro, conseguir talvez uma bolsa e voltar pra Itália, que foi o que eu fiz. Depois de um ano e meio eu voltei pra Itália e fiquei cinco anos lá, que foi uma coisa muito importante na minha formação e no meu curso, no curso que a minha vida tomou depois.

P2 – Bom, aí você terminou, a gente vai ter que dar até uma corridinha, Thais, que tem bastante questões.

R – Tá bom, então vamos lá.

P2 – Eu queria que você...

R – Você me diz, olha...

P2 – Tá ótimo, muito legal a sua história, mas eu queria que você contasse como foi. A gente vai passar aí alguns anos adiante na sua vida, imagino. Como foi, o que te motivou a fundar o CEMINA.

R – CMRD, né, são duas organizações. Então foi isso. Eu morei na Itália, quer dizer, eu fiquei na Itália cinco anos. Na Itália eu na realidade iniciei uma outra profissão que foi o jornalismo. Quer dizer, tinha uma oportunidade de um trabalho naqueles programas brasileiros que na época a Rádio Vaticano e a Rádio, a RAI também fazia e tal, e lá eu me integrei muito com o feminismo, era o momento dos grandes movimentos sociais e tudo isso. E nisso, quer dizer, depois de cinco anos que eu estava lá veio uma mulher de quem eu gostava muito e ela também era uma espécie de mentora, era mãe de um amigo meu, e esta que a mulher me convidou pra, ela falou assim: “Eu estou coordenando uma pesquisa internacional e dentro dessa pesquisa há um componente de um curso de metodologia de pesquisa, de conteúdo de desenvolvimento internacional em termos de gênero, tem tudo isso e eu acho que você tem o perfil adequado para fazer isso”. Mas significava eu sair da Itália e voltar pro Brasil, porque essa era uma das condições para ganhar a bolsa pra fazer esse curso. Mas eu topei e fui. Então esse curso durou um ano. Eu passei a metade do ano em Chicago, na Universidade de Chicago, e a outra metade do ano foi na Colômbia que tinha uma pesquisa prática e tal. Então quando eu voltei pro Brasil eu voltei pro Brasil num lugar completamente diferente do que eu tinha deixado, quer dizer, deixei via Fundação Getúlio Vargas e depois trabalhei um pouco com uma firma de publicidade onde a gente viajava e tudo isso, da própria fundação com o Diretor, com o reitor da Fundação. E voltei no feminismo e como jornalista e numa agência de notícias de informações sobre a mulher da América Latina através da

. Então logo que eu cheguei foi ótimo porque houve um campo amplo que foi de poder viajar pela América Latina, porque eu tinha esse trabalho de identificar colaboradoras e treinar essas colaboradoras e fazer toda a parte mais logística e editorial desse serviço que se chamava

. E aí isso me deu, me abriu todo um campo de uma comunidade nova, internacional, quer dizer, que trabalhava com esses temas da mulher e do meio ambiente porque sempre essa foi uma área que me interessava muito. Quando eu cheguei no Rio em 86 era o momento do Partido Verde brasileiro forte, com o Gabeira. Vinha um grupo no Rio bastante ativo, mobilizado. Nós fundamos, dentro do Partido Verde brasileiro, um grupo de mulheres, chamava Bando das Mulheres e tudo isso. E aí essa minha ligação com o Partido Verde me levou a participar de uma das primeiras conferências que se fez em 1989, justamente das precursoras dessa ponte entre o feminismo e o meio ambiente, uma coisa. No sul, né, havia essa discussão entre as feministas, mas era mais teórica. Essa reunião era uma reunião em Bangladesh que reunia ativistas mais do sul, também do norte mas sobressaíram muito a Vandana Shiva, pessoas da Índia e de outros países. E aí nessa conferência eu conheci um grupo de mulheres alemãs que eram as financiadoras dessa conferência, mas que estavam nesse momento também começando uma fundação na Alemanha. Porque os partidos políticos na Alemanha, se eles atingem 5% no parlamento eles têm direito a um fundo do Governo Alemão para ser aplicado em projetos, internamente e internacionalmente. Então, o Partido Verde tinha decidido que esses fundos que eles tinham conseguido, esse 5% nas eleições, eles tinham decidido que os fundos iam ser repartidos numa fundação com três pernas, e uma delas era para projetos de mulheres, quer dizer, de mulheres envolvidas no meio ambiente e tal. E nessa conferência que essas mulheres estavam lá elas falaram: “Por que que a gente não faz uma coisa semelhante no Brasil? Você não estaria interessada em organizar tudo isso?” E aí eu falei: “Eu acho que pode ser”. Tinha uma outra brasileira lá e nós falamos: “Não, a gente pode tentar”. Elas falaram: “Não, porque nós conseguimos o dinheiro pra fazer uma coisa, pra estar ampliando esse debate no nível internacional e tal”. Aí estava, uns meses depois eu estava no Canadá, num curso que eu fui fazer lá, mas como membro da IPS e de um outro projeto que eu estava associado, que também ligada com a área do desenvolvimento em gêneros chamada DAWNY

. Eu era

, quer dizer, eu era a pessoa que cuidava da comunicação, quer dizer, era um trabalho paralelo ao meu trabalho com a agência e tal. Eu estava lá

e essas mulheres me chamaram pra ir à Alemanha que elas queriam falar comigo sobre essa proposta de fazer a conferência lá. Quando eu cheguei na Alemanha elas falaram: “Olha, a gente tem”, isso era tipo assim julho. Eu tinha ido numa conferência em abril, isso era em julho. “Eu sei que você tem interesse, quer dizer, que a gente pode fazer essa conferência, vocês já disseram, mas a questão é que nós temos, nós acabamos de abrir a fundação, temos todo esse dinheiro, quer dizer, alocado para nós, mas que nós temos um prazo para gastá-lo, que é o final do ano. Então a nossa pergunta pra você é se ao em vez de só a conferência você não tem interesse em fazer uma coisa maior, entende? Uma coisa maior que tenha várias atividades, um desdobramento da conferência com uma campanha. Mas é claro que pra isso você vai ter que abrir uma organização e começar um trabalho, ou seja, e fazer isso, porque nós temos uma série de procedimentos e de condições pra isso e tal”. Eu olhei aquilo, porque eu não ia fazer tudo isso. Eu tinha lá o meu trabalho e tinha a coisa do rádio que a gente tinha esse programa, que eu esqueci de contar, a gente tinha esse programa no Rio que se chamava ‘Fala Mulher’, que era um programa que eu tinha meio que trazido de uma idéia de uma coisa que a gente tinha feito na Itália e que se chamava ‘Ora due ora de le donne’ que era um programa nacional que as feministas tinham conseguido. E quando eu venho para o Brasil, elas me perguntaram: “O quê que a gente tem que fazer na área da comunicação?” Eu falei: “Vamos usar o rádio porque o rádio tem todo essa inserção e tal”. E aí a gente tinha esse programa e tinha uma pequena organização, mas era uma organização mínima, quer dizer, porque era um trabalho todo voluntário. E elas falaram assim, eu falei: “Não, claro que eu quero. E além de tudo eu não tenho só uma, eu tenho duas organizações. Eu poderia fazer duas, uma que lida mais com o meio ambiente, conferência e tal, e a outra que trabalha a coisa do rádio e tal”. E assim foi, eu já voltei de lá já com a idéia, eu falei: “Eu vou ter que largar todo o meu trabalho na agência e tudo mais”, porque isso significava, enfim, ter que fundar uma organização e tudo mais. Então as organizações CNRED, que são as organizações das quais eu sou fundadora, começaram assim meio que por uma oportunidade, e com dinheiro porque não foi uma coisa pequenininha. Foi uma coisa com dinheiro, com recurso para ter as atividades, para alugar um lugar, pra alugar uma sede, para comprar móveis, para estabelecer toda uma estrutura. Mas isso implicou que eu tivesse que deixar o que eu fazia antes e que isso fosse uma profissão, fosse o que eu assumia profissionalmente, não mais, quer dizer, um trabalho diletante, assim voluntário.

P2 – E o que se pregava, qual é a essência base dessa relação do feminismo com o meio ambiente?

R – Nessa época era muito, ia muito pela coisa mais filosófica, quer dizer, que assim como dentro do sistema que a gente vive existe uma lógica de dominação do patriarcado com a natureza, existe também com a mulher

. Então essa era, do ponto de vista filosófico era mais ou menos isso. No Brasil originalmente a gente trabalhou muito via questão da saúde porque tinha todo aquele discurso no final dos anos 90, e mesmo quando se lançou aquele relatório do nosso futuro comum, que deu origem à Eco 92 e a todo esse processo que se seguiu, havia essa visão de que o problema, principal problema de impacto sobre o meio ambiente, o impacto ao meio ambiente era causado pelos pobres e pela explosão populacional. Então isso de certa maneira se alinhava com tudo que tinha acontecido no Brasil e em outros países, aquelas medidas de controle populacional que tinham tido muito abuso, porque tiveram práticas coercitivas como no Brasil. Quer dizer, todas as campanhas de esterilização, as campanhas usando esses anticoncepcionais que são involuntários tipo Norplante, tipo a Depo-provera, tinham todas essas denúncias. E havia um discurso dos ambientalistas, sobretudo dos conservacionistas, que se alinhava um pouco

Porque todo feminismo foi muito, ele começa, todo o discurso feminista originalmente é muito baseado na análise do impacto sobre o corpo. Quer dizer, era um impacto sobre a reprodução, que as mulheres tinham que ter um direito de escolha, quer dizer, e a coisa da violência contra a mulher. Mas o corpo era uma coisa muito importante. Então todo o início dessa análise mulher e feminismo e meio ambiente passa por aí. Nós começamos a trabalhar já no período que precedeu 92, uma outra vertente que eu acho que tem muito mais, que é mais, digamos, pragmática, e que tem a ver com a idéia de qualidade de vida, quer dizer, que as mulheres, por elas estarem mais associadas ao âmbito doméstico, quer dizer, onde sobretudo nos meios urbanos, mas também rurais. Quer dizer, todos esses processos, o processo industrial, o processo de degradação do meio ambiente, o problema de escassez de água, todas essas coisas acabam impactando no nível da casa, que é o lugar onde as mulheres, quer dizer, que é o que tem impacto sobre as mulheres diretamente porque é a parte invisível do trabalho, o quê que isso significou em termos também de mobilização, mobilização pela qualidade de vida. Então era uma outra vertente do meio ambiente que não era o ambientalismo porque o ambientalismo tradicional era muito conservacionista, o simbólico das florestas, enquanto a queima pro uso, enquanto que essa parte da ecologia humana não era tão... Hoje ela já é bastante assimilada, mas não estava na visão geral. Então nós trouxemos muito essa parte da ecologia humana, como é que todo o processo de degradação impacta a vida das pessoas, sobretudo de determinadas, dependendo do lugar. Quer dizer, tem esse impacto ainda maior dependendo do lugar social que essa pessoa tem. Então hoje tem todos esses movimentos de justiça ambiental que mostram justamente o lixo, a degradação química. Eles são mais, os lugares de dejetos de todas essas substâncias perigosas são em comunidades pobres que são comunidades justamente onde vivem os negros, onde tem uma concentração de negros. Então tem todos esses recortes que foram sendo feitos, mas esse já faz parte de toda uma análise mais elaborada de todo esse processo, com essa vertente da

P1 – Naquele momento que vocês discutiram isso, que foi antes da Eco 92, como era a relação de vocês que trabalhavam a ecologia humana com os ecologistas, com os ambientalistas? Como se deu essa relação?

R – Eu acho que era, num primeiro momento era de, eu acho que aqui no Brasil nós nunca tivemos grande problema porque eu acho que o próprio processo de democratização já tinha trazido bastante essa ponte. Como a ecologia no Brasil se deu dentro também do movimento de esquerda, e o feminismo também, eu acho que tudo isso um pouco estava, já havia um diálogo prévio. Mas era um pouco de aprofundar o conhecimento do quê que eram essas temáticas, entende, quer dizer, através dos atores, dos sujeitos desse processo. Então eu acho que foi um

processo rico. No nível internacional, que foi no processo da Rio 92, isso foi incrível porque quando nós iniciamos o nosso processo de participação e tal, praticamente no documento da Agenda 21. Tudo que se falava era sobre população. Havia um enfoque fortíssimo sobre população e o papel que a população, que o crescimento populacional tinha sobre o meio ambiente. Nós mudamos isso, conseguimos colocar as mulheres como sujeitos também ativos nesse processo, que elas originalmente não estavam, não eram consideradas, eram consideradas assim naquele bolo geral. Então essa foi uma mudança significativa. Nós, do primeiro rascunho, o primeiro

, que não tinha nenhuma referência à mulher e à temática, à questão de gênero e a participação da mulher nesse processo, nós terminamos a Agenda 21 na conclusão do processo. No documento que foi finalmente aprovado tinha 183 recomendações específicas. Então foi um processo de ganho significativo.

P2 – Quando você fala “nosso” você se refere a quê exatamente?

R – Eu falo assim, os grupos que participaram desse processo mas sobretudo a que aparece. Por que, o que é que aconteceu?

Mas aí houve uma feliz coincidência, que originalmente nós não sabíamos, que o Brasil, foi decidido que o Brasil hospedaria a Rio 92, e aí isso criou um campo enorme pro nosso trabalho. Nós éramos a única organização constituída com esse perfil, com essa missão. Então por isso eu passei, eu fui chamada, e eu era muito jovem nesse momento, eu tinha 33 anos, mas eu fui chamada pra uma reunião que reunia mulheres nos Estados Unidos, que reunia mulheres assim de perfil já de muita trajetória, deputadas de vários países, lideranças tipo a Wangari Maathai que depois ganhou o Prêmio Nobel da Paz. E aí eu fui convidada no Brasil, junto com a Ruth Escobar que tinha fundado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, aquela história toda, pra pensarmos que estratégia as mulheres do Movimento Internacional de Mulheres poderia ter no âmbito do processo da Rio 92 para que nós pudéssemos aproveitar aquela oportunidade. Era a primeira vez que a ONU realmente se abria para sociedade civil num processo mais de mais diálogo e tudo mais. E nós... Enfim, e aí quando eu falo nós eu falo, nós formamos essa organização que era a WEDO, e essa organização foi fundamental para todos esses avanços que nós conseguimos nesse processo que eu acho que está na raiz da minha liderança também no Brasil nesse tema.

P2 – E durante a Eco 92 você, me corrija se não for isso mesmo, mas você organizou o ‘Planeta Fêmea’?

R – Isso.

P2 – Me conta um pouquinho o que era esse ‘Planeta Fêmea’.

R – Porque aí o quê que aconteceu? Tem uma história prévia aí. Nós lá nessa reunião em Nova York que aconteceu em novembro de 1990 liderada por essa grande líder feminista americana que morreu em 98, a Bella Abzug, nós pensamos uma estratégia de como mobilizar mulheres de outros países e tudo mais. Então montamos uma estratégia para que a gente pudesse participar daquele processo com alguma coisa. Aí essa estratégia foi fazer uma grande reunião em Miami que aconteceu em 91, foi um ano depois dessa reunião que nós fizemos. Nós éramos uma espécie de um conselho operacional desse processo todo de mobilizar para essa conferência. Que essa conferência foi incrível, tinha 1500 mulheres de 83 países, e nessa conferência gente de alto perfil, gente também, líderes comunitários. Mas foi uma coisa muito viva que até hoje internacionalmente é uma referência. E nessa conferência nós fizemos uma, elaboramos uma agenda, a

E essa agenda tinha 14 pontos que eram os pontos das nossas prioridades consensuadas nessa conferência, essa história toda, que foi um sucesso absoluto porque isso nos deu visibilidade e nos deu também, nós conseguimos um respeito nesse processo por parte dos outros interlocutores, o Governo, os outros setores envolvidos. E nós tínhamos, enquanto as ONGs tinham lá cada uma mais ou menos uma estratégia diferente, a gente enquanto movimento de mulheres internacional tinha uma estratégia única que era a Agenda 21 de Ação das Mulheres por um Planeta Saudável. Então o Planeta Fêmea, quer dizer, quando a gente... Então uma parte era a nossa estratégia via conferência oficial, a outra parte era a nossa estratégia para a sociedade civil, pro fórum das ONGs, que foi uma coisa super importante também na Rio 92, foi um evento, um

porque era uma referência mesmo, porque nunca tinha acontecido uma coisa assim, tantas organizações. Naquela época a gente não tinha Internet, não tinha, as coisas eram ainda... Quer dizer, reuniu 30 mil pessoas assim de organizações num só local. E aí nós decidimos fazer um evento que fosse geral das organizações de mulheres. Então esse evento foi o Planeta Fêmea. Então nós tínhamos a tenda maior do fórum das ONGs da Rio 92. Quer dizer, lá ocorriam todos os dias, durante 14 dias ocorreu uma contínua programação e cada um desses dias era organizado por uma rede internacional. Então eu fui organizadora, obviamente com outras pessoas aqui do Brasil, porque nós formamos uma comissão organizadora entre as quais pessoas como a Rosiscas, Schuma e outras pessoas que estiveram envolvidas, pessoas que eram lideranças do movimento feminista no Brasil. Mas eu tive esse papel de fazer a ponte internacional, sobretudo com o WEDO e com as organizações, as

redes que trouxeram a programação e as suas participantes. Então era uma coisa muito viva. Até ela me falou pra trazer os vídeos, eu esqueci esse vídeo, que esse vídeo é muito significativo. Depois eu posso mandar.

P2 – Vídeos e fotos que você tiver, depois a gente organiza.

R – Pois é.

P2 – É muito legal.

R – Eu vou anotar porque eu acho isso importante pra memória, que a gente tem um vídeo que é muito legal, é muito ilustrativo desse momento. Eu acho que isso ficou na história porque nós tivemos um sucesso retumbante, que dizer, era a tenda mais visitada de todas. A gente tinha desde chefes de estado até pessoas de todo tipo que se possa imaginar. E lá aconteciam coisas desde manhã, sete horas da manhã até de noite, todo tipo de pessoas e tal. Então era um centro de atração e nós tivemos uma repercussão na mídia, tipo páginas, quer dizer, um tanto assim de coisas de jornal, de vídeo, de muita coisa na televisão também. Então foi um evento de muito sucesso.

P2 – E, bom, foi graças à Rio 92 que saíram, além da Agenda 21, duas convenções que é a Diversidade Biológica e sobre a mudança do clima. Pra você em especial qual é a importância dessas convenções pro país e pro mundo?

R – Olha, eu acho que quando nós terminamos a Eco 92, quer dizer, havia muita, acho que a gente tinha uma ilusão porque eu acho que era o fim da guerra fria, a gente tinha a sensação de que a democracia ia ser um.. a democracia e a equidade eram valores que iam se expandir no mundo. Então tanto é que a Agenda 21, que é um plano de ação, que eu acho que é um plano muito, tem estratégias muito inteligentes a Agenda 21. Quer dizer, com a idéia da Agenda 21 local, a idéia de você criar formas participativas de identificação, de gestão de recursos públicos para o desenvolvimento sustentável, quer dizer, a plataforma do desenvolvimento sustentável. Então ele tem lá, tem muita coisa assim que é recheio porque todo mundo participou, todo mundo quis colocar alguma coisa lá, mas tem coisas muito inteligentes em termos de estratégia. Só que no final das contas as coisas que foram prometidas lá não foram cumpridas. Primeiro que era que o ODA, a ajuda ao desenvolvimento na época era de 0,3%, a promessa é que passasse para 0,7. Hoje é menos que 3, hoje é 0,2. Então nunca as condições para que muito do que está proposto lá fosse cumprido, quer dizer, havia todo um capítulo específico de mudança das contas públicas, quer dizer, de você passar a mensurar bens no produto nacional bruto que até então não eram mensurados, quer dizer, como a Hazel Henderson costuma falar, o *lawdy economy* e também toda a parte da, enfim, dos bens da natureza, contribuição da natureza. Então nós tivemos uma, quer dizer, quando terminou a Eco 92, como a gente tinha tido toda aquela participação, a REDEH passou a ser uma das organizações, quer dizer, a nossa missão se transformou em tentar ajudar a implementar algumas daquelas recomendações que nós tínhamos conseguido colocar no papel, quer dizer, educando os gestores públicos, mobilizando, educando as mulheres pra participação nesse processo. Nós fizemos muita coisa no Brasil, quer dizer, criamos no Rio o primeiro desenho de Agenda 21 local, fizemos caravanas pelo Brasil de educação do quê que era a Agenda 21, como é que as mulheres participavam disso, fizemos boas práticas, fizemos muita coisa pra criar essa cultura de muitos, dessa lógica mais participativa na gestão da questão do desenvolvimento sustentável, porque isso que é a Agenda 21 né? Só que isso eu acho que de certa forma a gente começou a ver os limites de todo esse processo, quer dizer, porque tudo isso leva muito tempo. Eu acho que há avanços sem dúvida, mas, quer dizer, a gente pensava que todas essas mudanças poderiam ocorrer muito mais rapidamente do que elas de fato ocorreram. Quer dizer, a idéia da Agenda 21 para que realmente você torne o desenvolvimento sustentável um plano de governo, seja local, seja estadual, você tem que ter isso como prioridade da liderança do governo, e não era. Quer dizer, isso era botado lá pra escanteio nas Secretarias de Meio Ambiente que nunca tinham recurso. Então ficava aquela coisa enorme que virava um ratinho, e a gente ali em volta daquela história e tal. A estratégia, eu acho que as Convenções, sobretudo a Convenção de Mudança Climática, ela começa, ela foi muito importante naquele momento porque você já tinha as primeiras evidências, os primeiros relatórios científicos do IPCC, do International Panel on Climate Change que mostravam que havia de fato uma alteração em ecossistemas importantes devido à mudança do clima, devido às emissões que a gente tem colocado dos gases de efeito estufa e tal. Mas eu acho que a convenção realmente ela ganha um porte depois do Protocolo de Kyoto, que foi em 1997 se eu não me engano. Acho que foi justamente na época que, quando a gente fez, indicamos a revisão de cinco anos da Rio 92, na Rio+5 que houve esse relatório da IPCC que mostrava realmente que as calotas polares estavam degelando e que a ação era necessária e tal, que é quando o Al Gore naquela articulação em Kyoto se lança o protocolo. E aí eu falo da minha trajetória especialmente porque eu acho que a questão da mudança climática, digamos assim, como um tema do movimento de mulheres ainda não é, não tem essa repercussão, esse entendimento. Mas eu digo assim, mais do meu ponto de vista e da minha trajetória eu acho que esse passou a ser um tema crítico e eu acho que é um tema, eu tenho muito interesse porque cada vez mais eu também fui me interessando pela questão da liderança. Porque todas essas coisas, essas belas idéias, se elas depois não têm lideranças capazes de implementá-las elas não acontecem, entende? Não adianta você pensar que todos esses processos de transformação acontecem, porque têm muitos obstáculos, tem muitos empecilhos, tem muita gente que resiste muito a essa mudança, quer dizer, pessoas que querem manter lá o seu pequeno

seja lá qual for, em todos os setores, em todos os níveis, mas no setor público isso é muito gritante.

E ele, de certa maneira, exige uma ação em muitos níveis. Exige, para que você tenha um impacto você precisa da colaboração de muitos agentes diferenciados, sejam eles do setor da ciência, seja do setor de, digamos, mais da engenharia porque toda a questão da mudança da matriz energética exige isso, e isso tanto dos educadores, da área de saúde. Quer dizer, em muitos ele reúne toda essa transversalidade, essa integração. Então eu passei a me interessar muito pelo tema de mudanças climáticas já em 97, e aí comecei a participar, participei de algumas das COPs e sobretudo uma importante que foi a do ano 2000 que foi a que de certa maneira interrompeu a participação dos Estados Unidos logo depois, quer dizer, que isso quebrou um pouco a lógica do Protocolo de Kyoto porque obviamente se um país que emite 25% dos gases do efeito estufa não participa, isso tinha uma mudança. E hoje... Eu não sei que pergunta você quer... se quiser eu continuo contando sobre isso, você quer...

P2 – Até, já que você está nesse tema, que você participou então de várias conferências internacionais da ONU durante a década de 90. Na sua opinião qual dessas conferências produziu melhores resultados?

R – Olha, sem dúvida acho que foi a que estabeleceu um parâmetro novo de participação da sociedade, de discussão sobre esses temas globais, de ampliação dessa visão, foi a Rio 92. Agora, todas as outras de certa maneira seguiram a mesma lógica de fazer com que a sociedade debater temas problemáticos, complexos, da sociedade, porque depois veio Direitos Humanos, já com a terceira geração de Direitos Humanos que são mais os direitos pessoais, e depois nós tivemos a Conferência de População que já não olha tanto a população como uma questão de controle de natalidade, mas como uma questão de desenvolvimento. Acho que foi, houve avanço em todos esses temas. Depois veio a Conferência do Habitat, que eu acho, a Conferência da Cúpula de Desenvolvimento Social que foi muito importante pra chamar a atenção da questão da pobreza, do endividamento. Tirou aquela coisa da, foi a conferência que lançou aquela proposta de cancelamento da dívida dos países pobres, entende? Quer dizer, que depois continua em pauta, quer dizer, que é a bandeira lá do Bono, do Bono Vox U2, aquele negócio todo. Depois, veio depois dessa Conferência do Habitat que foi, na minha opinião, uma conferência muito inteligente em termos de desenho já que os setores da sociedade, os stakeholders participaram dentro do processo da conferência, não num processo de lobby como tinham sido mas dentro do formato da conferência. Eu acho que ela foi uma conferência muito inteligente em termos do desenho, quer dizer, com um lugar muito mais organizado e definido. Depois dessa teve a Conferência do Racismo, que foi uma conferência complicada. E aí eu acho que isso, a partir do ano, pro final dos anos 90 todas as coisas começaram. Já a partir do ano 2000 tudo começou a mudar um pouco porque a situação do mundo mudou, quer dizer, com novos atores emergindo. Logo depois teve o atentado de 11 de setembro e isso mudou definitivamente o curso que deu origem às conferências dos anos 90 que era muito mais uma idéia de que era possível corrigir muitos dos problemas equitativamente. Agora a gente tem um mundo mais fragmentado, quer dizer, a gente olha os problemas, mas assim, muito mais dentro de determinados nichos e não como uma coisa que pode ser expandida para toda a sociedade e tudo mais.

P2 – Você acha que existe o que? Uma maior intolerância? É isso?

R – Não, eu acho que existe claramente uma reação ao ocidente por parte de determinados segmentos importantes das culturas que formam o mosaico do planeta, no caso são os muçulmanos e tudo isso, quer dizer, eu não vou entrar no mérito se isso...mas essa é a realidade e isso criou uma outra correlação de forças. A situação geopolítica é muito diferente do que era nos anos 90, porque os anos 90 foi o fim da guerra fria e um período de expansão da idéia de que a gente podia, a democracia podia dar conta dos problemas do mundo. Vamos chamar todo mundo, vamos discutir, tem dinheiro. Ou seja, os anos, o século XXI é uma outra história, quer dizer, é o mundo através de conflitos, de diferenças, de muita fragmentação. Eu acho que é, sobretudo, isso, quer dizer, você não tem um curso único, você tem muita prioridade em diversas direções. Por isso que é tão difícil também a gente trabalhar soluções globais. Então eu acho que muito mesmo em questões como a mudança climática, acho que a coisa tem sido vista muito em termos de ver o quê que pode melhorar. Não vamos assim criar grandes transformações, mas como a gente percebe que a situação não se deteriora mais do que está. Eu acho que é muito mais essa lógica que a lógica de que nós vamos mudar o mundo, vamos transformar, entende?

P2 – Bom Thais, você, eu queria saber qual é a sua função na ICON, você dizer um pouquinho o quê que é essa, enfim, que é uma instituição né, dá pra se chamar assim?

R – Não é uma instituição, não. A ICONS...eu não sei como é que isso apareceu aí, mas a ICONS foi uma conferência. O quê que aconteceu em 2000 quando o Governo Lula foi eleito, em 2002, não foi isso? 2003. Então nós tínhamos a Marina, Secretária do Meio Ambiente e uma amiga minha, mas, ela é, sobretudo, ela é uma personalidade, é uma pensadora, uma estrategista da questão do meio ambiente e da responsabilidade social e tal, a Hazel Henderson, ela vinha ao Brasil pro Fórum Social Mundial e ela falou: “Por que que a gente não aproveita essa possibilidade do governo Lula pra gente de fato implementar, fazer, tirar do papel toda aquela estratégia da Rio 92 que era de mudar o desenho das contas públicas e fazer valer, contabilizar o patrimônio ambiental, patrimônio cultural, mudar o que normalmente é contabilizado como despesa, educação, saúde, passar que isso seja um investimento porque isso pode mudar completamente o resultado das contas públicas brasileiras”. Daí acho que com o governo Lula a gente tem chance disso, toda aquela coisa que o Brasil também ia mudar a cultura, aquele troço todo. E aí a idéia, ela falou assim: “Porque que a gente não faz uma conferência?”

Fiz a conferência que foi um grande sucesso, e nós juntamos com outros, quer dizer com muitas parcerias, Instituto Ethos. Foi uma coisa assim

que envolveu também muito o setor privado que era um setor até que não tinha muito conhecimento, não tinha muita inserção. E foi uma coisa muito valiosa essa conferência, quer dizer, acho que ela teve, ela não conseguiu ter grande impacto no nível nacional mas ela criou muitas iniciativas a partir de boas práticas e tal. Mas eu acho que talvez se você queira o que eu quero, eu quero contar pra você uma coisa que eu estou fazendo agora que eu acho que é mais, que é interessante para esse tema todo, sobretudo a mudança climática. Você tem alguma outra pergunta, porque senão eu insiro isso.

P2 – Pode inserir, depois a gente volta, não tem problema.

R – O quê que você ia perguntar agora?

P2 – Eu ia te perguntar, pra você qual é a relação entre política e desenvolvimento sustentável. Mas se você quiser também, fique à vontade.

R – Eu volto depois pra isso. Vamos lá, vamos primeiro a essa, depois eu entro em política e desenvolvimento sustentável. É uma pergunta difícil porque, enfim, a política, na acepção da palavra, ela media interesses porque a sociedade é constituída de segmentos já todos com interesses diferenciados. Em tese a política deveria mediar esses interesses pelo bem comum. Foi a política, em sua origem filosófica, é isso. Ela se transformou numa mixórdia, quer dizer, de interesses de grupos, interesses muito primários e de grupos que representam esses interesses e que às vezes mesmo nesse processo se perde isso, acho que, sobretudo no Brasil, por isso que uma reforma política seria tão importante para resgatar essa origem. Não é só a origem, mas esse sentido, que é uma questão de sentido. Então eu não sei. Hoje em dia eu acho que obviamente a política é muito importante porque ela de certa forma, é ainda através da política que a gente organiza, estrutura o processo da sociedade porque a gente, enfim, a gente tem instituições que são as instituições que canalizam os impostos, que implementam as leis e tudo isso. A gente tem visto a precariedade disso tudo, né? Então eu acho que, eu vejo hoje, quer dizer, depois desses 17 anos, 20 anos, são, né? 1986, são 20 anos de envolvimento com todo esse processo e tal. Eu acredito muito nos, assim, no trabalho mais no nível dos indivíduos, entende? Porque eu acho que as instituições hoje elas são muito fragmentadas, elas têm, você encontra de tudo nas instituições, encontra pessoas que têm uma visão e têm um comprometimento muito nobre, você encontra gente predadora, você encontra de tudo. É esse saco de gatos que é a situação do que nós somos hoje. Então eu acredito muito assim em trabalhar com os indivíduos, quer dizer, criar essas novas institucionalidades que não são, são pessoas de diversas instituições que de certa forma levam pra frente certos processos. Essas pessoas podem estar na política também, mas não é a política em si que leva essas pessoas que estão na política, essas pessoas que estão na sociedade civil, essas pessoas que estão no setor privado, essas pessoas que estão em organizações internacionais, essas pessoas que estão em comunidades e são como se fossem tribos que levam esses processos de desenvolvimento sustentável para diante. No entanto assim, a política que você vai reformar pra que ela seja a portadora do desenvolvimento sustentável. Isso eu não acredito de jeito nenhum e nem acho que vai acontecer.

P2 – E fora isso qual é a sua visão, quais as perspectivas que você vê pro Brasil nos próximos 15, 20 anos, dentro de toda essa questão da ecologia humana, como de biodiversidade, como de desenvolvimento sustentável?

R – Enfim, é complicado porque o Brasil é um país de tantos extremos. Quer dizer, ao mesmo tempo você vê coisas bárbaras que são inimagináveis, mas você vê também ações muito criativas, nobres, quer dizer, muitas com algum impacto. Enfim, eu temo que a gente não consiga nos próximos, pelo menos no curto prazo, a gente não consiga unir essas duas pontas. Então, pra continuar indo é assim, quer dizer, ir puxando essas duas tensões que vão em duas, que puxam em duas direções diferentes. Eu tendo a pensar, quer dizer, eu não sou, eu sou uma otimista porque eu sou uma empreendedora e eu quero, até o final da minha vida, seja lá o que esteja acontecendo eu vou me ligar naquela brechinha do que é possível fazer, e não ficar paralisada pelas impossibilidades e pelo que você vê que não funciona ou pelo negativo. Eu me pauto pelo positivo mesmo que ele seja pequeno porque eu acho que sempre há possibilidades de desdobramento. Você puxa um fio e aquilo vai ganhando um curso. Mas eu acredito que, eu tendo a pensar, pela complexidade dos problemas, pelo nível, pela falta de capacidade total das instituições responderem aos problemas, pela magnitude que eles têm, eu tendo a pensar que a gente vá ter problemas sérios porque as coisa tendem, se você não cuida delas elas tendem a crescer. Eu acho que a gente tende a ter problemas sérios e talvez isso seja um alerta porque às vezes a mudança vem pelo sofrimento. Há duas maneiras da gente mudar, ou por pressão ou por consciência. Eu acho que as coisas têm mostrado que a gente está mais, a gente está caminhando muito mais pro curso de ter que mudar pelo sofrimento do que pela consciência que é a transformadora, generativa. Então eu tendo a pensar nisso. Mas independente de que esse seja o curso eu acho que é importante que as pessoas que têm consciência, que sabem e que querem se envolver totalmente, que elas continuem fazendo, porque seja lá o que for, enfim, eu não acredito que o planeta vá acabar. E sempre a gente vai poder, porque a gente que já aprendeu, já praticou, vá ter oportunidade lá na frente de estar mostrando um caminho. Então a gente está se antecipando para uma coisa que vai ter mais atenção daqui a um tempo. Sempre foi assim.

P2 – Você queria dizer alguma coisa....

R – A última coisa. É que eu queria falar pra você, que eu acho interessante, que foi um projeto que eu comecei a fazer parte no ano passado, que é um projeto de mudança climática que eu acho que ele une muito algumas das coisas que eu falei, que foi muito interessante, porque eu nem sou assim uma especialista desse tema de energia e tal mas eu fui convidada pra fazer parte da diretoria desse projeto internacional que se chama South South North. O projeto começou com a idéia, assim que o mecanismo do desenvolvimento limpo foi criado depois da IV Conferência de Marrakech, que os países do sul tinham que aprender, porque era uma coisa nova. Como é que você implementa projetos, com todas aquelas requisições de adicionalidade, de business line que são muito sofisticados como desenho, e como é que os países do sul aprendiam isso. E aí no Brasil a COP, né, o centro, o departamento na área de planejamento energético da COP, na África do Sul uma organização, depois mais dois países se juntaram pra fazer instituições nesses países para fazer esse projeto. E aí o projeto foi, teve resultados, e numa segunda rodada desse projeto eu fui convidada a participar, que é segunda fase desse projeto que inclui não só a

. Aí eu fui chamada e tem sido uma experiência muito interessante porque eu acho que, de novo, é o desenho desse projeto internacional. Ele tem organizações, ele se baseia em organizações já existentes, ele faz essa ponte entre mitigação e adaptação, mudança climática e pobreza. Então é todo, vai ser um aprendizado importante porque nós vamos ter que implementar projetos específicos, quer dizer, por países que, quer dizer, tenham uma solução, que apresentem uma solução para a questão da mudança climática com a questão social que é a redução da pobreza. Então isso daí, esse projeto começou ano passado e vai até 2008.

P2 – Eu só queria que você repetisse o nome.

R – South South, sul sul norte, South South North.

P2 – Ah, tá, South South North. E nesse projeto, enfim, é consultada a Convenção sobre mudança do clima, o Protocolo de Kyoto...

R – Não, o projeto é todo baseado no arcabouço da Convenção, do Protocolo de Kyoto, porque o mecanismo do desenvolvimento limpo é um dos mecanismos do Protocolo de Kyoto.

P2 – Portanto já são desdobramentos a partir dessa Convenção, né?

R – Exatamente. Inclusive nós temos um vídeo dessa coisa que talvez também seja interessante. Depois eu vou anotar as coisas que podem ser interessantes.

P2 – Então, só pra terminar, Thais, eu queria saber. Você é casada, tem filhos?

R – Eu não sou casada e não tenho filhos.

P2 – Tá, eu queria que você dissesse quais foram as principais lições que você tirou da sua carreira, dessa bela carreira que você tem.

R – Eu acho que... Bem, eu acho que a principal lição que eu tirei foi que sem uma transformação da nossa, eu acho que tudo isso que a gente, essas transformações que a gente quer ver no planeta são transformações que estão intrinsecamente ligadas com nós mesmos, entende? Eu acho que tem que começar pela gente, eu acho que tem que começar por expandir porque eu acho que a gente olhou muito, sobretudo no Ocidente, a gente olhou muito pra fora, e eu acho que isso é fantástico porque nós conseguimos toda essa sofisticada tecnologia de domínio da natureza, de domínio da realidade, de tudo isso. Mas eu acho que nós, como seres humanos nós somos ainda, nós nos desenvolvemos muito racionalmente, mas não como seres mesmo, parte do ser, quer dizer, que é o que te dá....porque a questão principal é que no fundo nós, toda essa, tudo isso que a gente, a gente aqui de certa forma a gente está por um período pequeno para aprender e para, de certa forma, servir e florescer com tudo isso que está aí junto com a gente. E eu acho que isso daí é um aprendizado que nós no ocidente estamos começando a ver agora. Então a grande lição foi que sem essa mudança interior de cada um de nós, que significa estar superando as nossas barreiras internas, é muito difícil que a gente consiga a sustentabilidade externa. Então essa foi a minha lição e hoje, digamos, essa é um pouco a prioridade que eu trabalho. Um amigo meu, como ele costuma dizer, é o pragmatismo idealista. Quer dizer, que a gente de certa forma, ou como ele fala em inglês, inspired pragmatism, quer dizer, que é um pragmatismo tem que vir de uma inspiração que é a partir de um trabalho interior mais profundo. Porque quando acaba, todas as coisas, no fundo eu acho que elas, há idéias fantásticas, mas o maior obstáculo a que elas sejam implementadas são as pessoas, não são recursos.

A gente tem recurso demais em todo lugar, entende? Hoje a gente tem todos os recursos, a gente tem recursos tecnológicos. A questão são as pessoas, como é que... Onde é que as coisas param? Vê aquele grande projeto, onde é que parou? Parou porque fulano ficou com inveja e não deixou passar. Em todos os lugares é assim. Então a gente vai ter que superar isso, entende? Então hoje o meu enfoque é muito isso, olhar para as ações. Mas não é tão importante o que você faz de grande, mas que você faça as coisas aprendendo a ser desde um outro lugar, e eu estou começando por mim mesmo.

P2 – Isso é totalmente budista, né? O pouco que eu sei e gosto do budismo, eu sinto que é bem budista. Mas eu queria, só pra terminar, o quê que você acha de ter participado desse projeto de memória?

R – Ah, eu acho muito interessante, sobretudo olhar vocês assim. Porque, enfim, é difícil ficar escutando as pessoas, eu acho que você precisa de um treinamento. E eu me sinto assim privilegiada de ter sido convidada para estar entre essas 57 pessoas que podem ajudar a recuperar a memória de um processo tão importante, mas também de ter estado aqui com vocês nesse momento que vocês estiveram prestando atenção. Quer dizer, que é uma generosidade muito grande escutar alguém, a história de alguém.

P2 – Pra gente é um prazer. A gente tem aprendido muito. Obrigada, Thais, por hoje é só.

R – Tá bom.